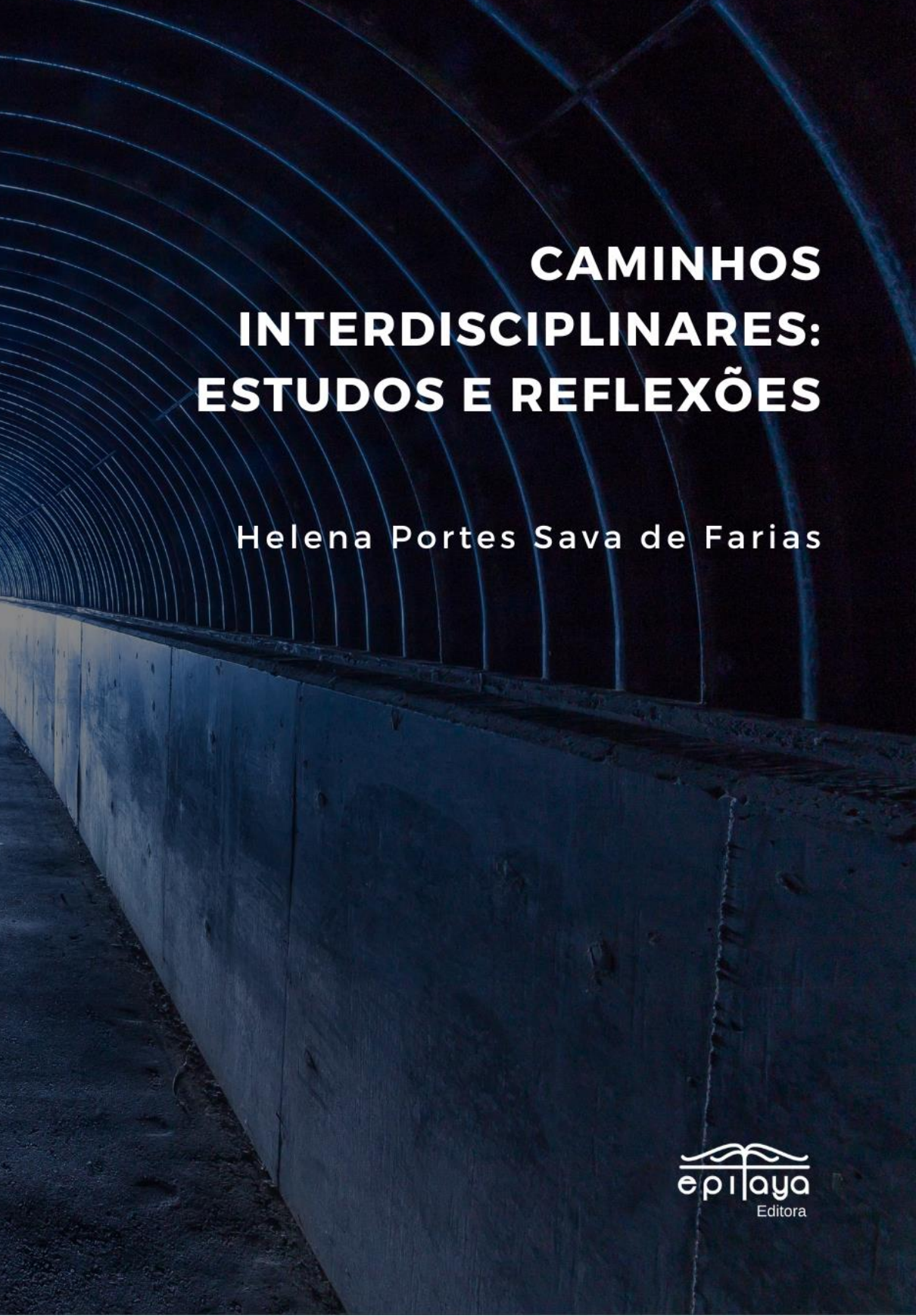




CAMINHOS INTERDISCIPLINARES: ESTUDOS E REFLEXÕES

Helena Portes Sava de Farias

Helena Portes Sava de Farias
Organizadora

CAMINHOS INTERDISCIPLINARES:
ESTUDOS E REFLEXÕES

1ª Edição



Rio de Janeiro – RJ
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C182 Caminhos interdisciplinares [livro eletrônico]: estudos e reflexões / organizado por Helena Portes Sava de Farias. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Epitaya, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5132-009-5

1. Interdisciplinaridade. 2. Educação. 3. Reflexões. I. Farias, Helena Portes Sava de.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com.br>



Helena Portes Sava de Farias
Organizadora

CAMINHOS INTERDISCIPLINARES:
ESTUDOS E REFLEXÕES



Rio de Janeiro – RJ
2025

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL	Bruno Matos de Farias
ASSESSORIA EDITORIAL	Helena Portes Sava de Farias
ASSISTENTE EDITORIAL	Equipe Editorial
MARKETING / DESIGN	Equipe MKT
DIAGRAMAÇÃO/ CAPA	
REVISÃO	Autores

COMITÊ CIENTÍFICO

PESQUISADORES	Profa. Dr ^a Kátia Eliane Santos Avelar
	Profa. Dr ^a Fabiana Ferreira Koopmans
	Profa. Dr ^a Maria Lelita Xavier
	Profa. Dr ^a Eluana Borges Leitão de Figueiredo
	Profa. Dr ^a Pauline Balabuch
	Prof. Dr. Daniel da Silva Granadeiro
	Prof. Dr. Rômulo Terminelis da Silva

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Caminhos Interdisciplinares: Estudos e Reflexões* reúne pesquisas e ensaios que se encontram na intersecção de diferentes áreas do conhecimento, propondo olhares múltiplos sobre temas atuais e relevantes.

Os artigos aqui apresentados são fruto de trajetórias acadêmicas e profissionais diversas, que se cruzam no propósito comum de compartilhar experiências, análises e perspectivas críticas. Cada autor e autora contribui com reflexões que ultrapassam fronteiras disciplinares, revelando como o diálogo entre campos distintos pode enriquecer a compreensão da realidade contemporânea.

Mais do que um conjunto de textos, este livro é um convite ao leitor para percorrer caminhos interdisciplinares, construindo novos sentidos a partir da pluralidade de vozes e saberes reunidos. Entre teoria e prática, pesquisa e experiência, os capítulos dialogam entre si e abrem espaço para a continuidade das reflexões.

Assim, *Caminhos Interdisciplinares: Estudos e Reflexões* afirma-se como um espaço fértil de partilha de conhecimento, fortalecendo a produção científica colaborativa e inspirando novas conexões no campo da pesquisa e da prática social.

Desejamos a todos uma leitura enriquecedora!

Prof Dr Bruno Matos de Farias
Editor-Chefe Editora Epitaya

SUMÁRIO

<i>Capítulo 1.....</i>	<i>07</i>
TRANSFORMANDO COMUNIDADES: O POTENCIAL DA ECONOMIA CRIATIVA NO BAIRRO CÉU AZUL EM VALPARAÍSO DE GOIÁS	
<i>Drielly Neres Lúcio, Jéssica Sandra Fernandes da Silva, Leandro Costa Bonifácio, Jonata da Silva Fernandes</i>	
<i>Capítulo 2.....</i>	<i>23</i>
O CICLO DA HUMANIDADE: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR SOBRE PADRÕES DE ASCENSÃO, AUGE, QUEDA E RECOMEÇO	
<i>Thiago Ruither Vilas Boas</i>	
<i>Capítulo 3.....</i>	<i>44</i>
IMPACTO DO ESTILO DE VIDA NOS FATORES DE RISCO CARDIOVASCULAR EM ADULTOS JOVENS	
<i>José Vitelio Ruiz Rivero, Thalita Juarez Gomes, Fernanda Parini Nunes, Laura Leme de Araujo Rodrigues da Silva, Larissa Modesto Miranda</i>	
<i>Capítulo 4.....</i>	<i>46</i>
APLICAÇÃO SUBCUTÂNEA DE ÁCIDO HIALURÔNICO PARA AUMENTO DE ESPESSURA PENIANA – RELATO DE CASO	
<i>João Rodrigues Cordeiro Marques, Octavio Luiz Castilho de Araújo, Guilherme Solano de Melo Pinho, Fernanda Freitas Maia, Samuel Alves Carlos de Medeiros, Ivaí pinheiro da Silva, Renata Oliveira Marques Bomfim, Noélia Josefina Meaurio Pintos, Anderson Soares de Souza, Francisco Juscelino de Vasconcelos Monteiro</i>	
<i>Capítulo 5.....</i>	<i>62</i>
SENTIDO NA FINITUDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA SOBRE A TERMINALIDADE À LUZ DA LOGOTERAPIA	
<i>João Luís dos Santos Heric, Cristina Maria di Primio Gonçalves</i>	

CAPÍTULO 1

TRANSFORMANDO COMUNIDADES: O POTENCIAL DA ECONOMIA CRIATIVA NO BAIRRO CÉU AZUL EM VALPARAÍSO DE GOIÁS

Drielly Neres Lúcio

Mestre em Gestão, Educação e Tecnologia – UEG

Jéssica Sandra Fernandes da Silva

Especialista em Design Thinking e Gestão de Pessoas - Faculdade Descomplica

Leandro Costa Bonifácio

Graduando em Relações Internacionais- UCB/DF

Jonata da Silva Fernandes

Graduado em Análise e desenvolvimento de sistemas - UNIP/DF

RESUMO

Este artigo aborda a importância das soluções tecnológicas e das estratégias de comunicação para o desenvolvimento da economia criativa no bairro Céu Azul, localizado em Valparaíso de Goiás. Através de uma análise crítica da literatura existente, identificam-se as principais ferramentas e práticas que podem ser implementadas para transformar a comunidade em um polo de inovação e criatividade. O estudo destaca a relevância do uso de tecnologias digitais e da comunicação eficaz como motores para o desenvolvimento sustentável, promovendo a inclusão social e o fortalecimento da identidade local. Os resultados sugerem que a integração dessas soluções pode resultar em um impacto positivo significativo na economia do bairro, incentivando o empreendedorismo e a colaboração entre os moradores.

PALAVRAS-CHAVE: Economia criativa. Soluções tecnológicas. Comunicação. Desenvolvimento sustentável. Valparaíso de Goiás.

INTRODUÇÃO

A economia criativa, de acordo com Almeida (2020) emergiu como um dos principais motores de desenvolvimento econômico e social no século XXI, destacando-se pela capacidade de transformar a criatividade e a cultura em ativos tangíveis. Este conceito abrange uma ampla gama de atividades que vão desde as artes visuais, música, cinema, design, até as indústrias de

tecnologia da informação e comunicação. No Brasil, a economia criativa apresenta um potencial significativo para impulsionar o crescimento econômico, especialmente em regiões que enfrentam desafios socioeconômicos, como o bairro Céu Azul, localizado em Valparaíso de Goiás.

O bairro Céu Azul, caracterizado por sua diversidade cultural e potencial criativo, enfrenta uma série de desafios que limitam o desenvolvimento de sua economia local. Entre esses desafios, destacam-se a falta de infraestrutura adequada, o acesso limitado a recursos financeiros e a escassez de oportunidades de capacitação profissional. Além disso, muitos moradores carecem de conhecimento sobre como transformar suas habilidades e talentos em empreendimentos sustentáveis. Nesse contexto, a implementação de soluções tecnológicas torna-se essencial para reverter essa situação, proporcionando aos moradores ferramentas que possam facilitar o acesso a novos mercados e a promoção de suas atividades criativas.

De acordo com Ferreira (2020), as tecnologias digitais, como plataformas de e-commerce, redes sociais e aplicativos de colaboração, têm o potencial de democratizar o acesso à informação e às oportunidades de negócios. Essas ferramentas permitem que os empreendedores locais não apenas ampliem seu alcance, mas também desenvolvam uma presença online que é cada vez mais necessária no mundo contemporâneo. A utilização de tecnologias de comunicação e marketing digital pode ajudar a superar barreiras geográficas e econômicas, permitindo que produtos e serviços criativos do bairro Céu Azul sejam divulgados e vendidos em mercados mais amplos.

Além das soluções tecnológicas, Costa (2022) explicita que as estratégias de comunicação desempenham um papel crucial na promoção da economia criativa. A coesão e a coerência na comunicação são fundamentais para que as ideias e iniciativas dos moradores sejam transmitidas de forma clara e eficaz, atraindo o interesse de investidores e consumidores. A comunicação assertiva não apenas fortalece a identidade cultural do bairro, mas também promove a colaboração entre os diferentes atores sociais, criando um ambiente propício à inovação. Através de campanhas de marketing comunitário e eventos culturais, os moradores podem se unir para celebrar suas tradições e talentos, ao mesmo tempo em que atraem a atenção externa para suas iniciativas.

Os estudos supracitados têm demonstrado que a integração de tecnologias e a melhoria nas práticas comunicativas podem resultar em impactos positivos significativos nas comunidades. Por exemplo, a análise de casos de sucesso em outras localidades revela que bairros que adotaram uma abordagem integrada de tecnologia e comunicação experimentaram um crescimento no empreendedorismo, a criação de empregos e a revitalização da cultura local. Assim, este artigo visa explorar as soluções tecnológicas e as estratégias de comunicação que podem ser implementadas para

transformar o bairro Céu Azul em um polo de inovação e criatividade. Através da pesquisa e da discussão, buscamos contribuir para o desenvolvimento sustentável da comunidade e a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, destacando a importância de uma abordagem colaborativa e integrada.

REVISÃO DE LITERATURA

CONCEITO DE ECONOMIA CRIATIVA

A economia criativa é um conceito que se refere a um modelo econômico baseado na utilização da criatividade, inovação e conhecimento como principais motores de desenvolvimento. De acordo com Howkins (2001), a economia criativa abrange uma vasta gama de atividades que vão além das indústrias culturais tradicionais, incluindo setores como design, moda, música, cinema, artes visuais e tecnologias digitais. Essa abordagem valoriza a originalidade e a capacidade de inovar, transformando ideias em produtos e serviços que geram valor econômico e social.

A economia criativa é frequentemente associada à noção de "indústria cultural", mas vai além, pois envolve não apenas a produção de bens culturais, mas também a criação de experiências e serviços que impactam a vida das pessoas. Segundo a UNESCO (2013), a economia criativa não só contribui para o crescimento econômico, mas também promove a inclusão social e a diversidade cultural, permitindo que comunidades ao redor do mundo utilizem seus ativos culturais como base para o desenvolvimento econômico. A relevância da economia criativa se torna mais evidente em um mundo cada vez mais globalizado, onde a diferenciação e a inovação são essenciais para a competitividade.

No Brasil, a economia criativa tem se mostrado um setor em expansão, contribuindo significativamente para o Produto Interno Bruto (PIB) nacional. De acordo com o Ministério da Cultura (2013), as indústrias criativas representam cerca de 2,64% do PIB brasileiro, refletindo a riqueza cultural e a diversidade do país. As áreas de música, cinema e design são algumas das mais relevantes, mas a economia criativa também inclui setores emergentes, como a tecnologia da informação e a produção de conteúdo digital.

Além de sua contribuição econômica, a economia criativa desempenha um papel fundamental na geração de empregos. Segundo dados do IPEA (2018), o setor criativo é responsável por milhões de empregos diretos e indiretos, oferecendo oportunidades de trabalho para uma ampla gama de perfis profissionais. Isso é especialmente importante em um contexto de alta taxa de desemprego, onde a criatividade pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social e a geração de renda. A promoção da economia criativa no Brasil também está ligada à valorização da cultura local e à preservação do patrimônio cultural, que são essenciais para a construção da identidade nacional.

DESAFIOS DA ECONOMIA CRIATIVA EM COMUNIDADES CARENTES

Apesar do potencial da economia criativa, comunidades como o bairro Céu Azul enfrentam diversos desafios que dificultam seu desenvolvimento. Santos (2019) aponta que a falta de infraestrutura adequada, como espaços de trabalho, estúdios e acesso à internet de qualidade, limita as oportunidades para os empreendedores locais. Muitas vezes, os criadores não têm acesso a ferramentas e recursos necessários para desenvolver seus projetos, o que pode levar à desmotivação e à desistência.

Além disso, a escassez de recursos financeiros e a dificuldade de acesso a crédito são barreiras significativas que impedem a formalização de negócios criativos. Muitos empreendedores carecem de conhecimento sobre como elaborar um plano de negócios, o que dificulta a obtenção de financiamento. Outro desafio importante é a necessidade de capacitação profissional. Embora muitos moradores possuam habilidades criativas, eles frequentemente carecem de conhecimento em gestão de negócios, marketing e vendas, o que limita sua capacidade de transformar ideias em empreendimentos sustentáveis. A falta de redes de apoio e mentoria também contribui para a dificuldade em superar esses obstáculos.

As soluções tecnológicas desempenham um papel crucial na promoção da economia criativa, especialmente em comunidades carentes. Plataformas digitais, como Etsy, Mercado Livre e redes sociais, permitem que pequenos empreendedores comercializem seus produtos de forma acessível e eficiente. Ferreira (2020) enfatiza que o uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) pode facilitar a inserção de artistas e criadores em mercados mais amplos, promovendo a visibilidade e a venda de seus produtos.

A digitalização também permite que os empreendedores explorem novas formas de monetização, como cursos online e workshops, ampliando suas fontes de renda. Além disso, a utilização de ferramentas de design gráfico e edição de vídeo, disponíveis gratuitamente ou a baixo custo, capacita os criadores a desenvolver materiais de marketing e comunicação de alta qualidade, aumentando sua competitividade no mercado.

Outro aspecto importante é a criação de comunidades online, onde os empreendedores podem trocar experiências, compartilhar conhecimentos e colaborar em projetos conjuntos. Essas plataformas de colaboração podem ser fundamentais para o fortalecimento da rede de apoio entre os moradores, promovendo um ambiente de inovação e criatividade. A tecnologia, portanto, não apenas facilita a comercialização, mas também promove a conexão e a colaboração entre os criadores.

O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA DIVULGAÇÃO DE PRODUTOS CRIATIVOS

As redes sociais têm se tornado ferramentas fundamentais para a divulgação de produtos e serviços criativos. De acordo com Oliveira (2021),

plataformas como Instagram, Facebook e TikTok permitem que os empreendedores construam uma marca pessoal e se conectem diretamente com seu público-alvo. Essa interação não apenas aumenta as vendas, mas também fortalece a comunidade local, pois os consumidores se sentem mais próximos dos criadores.

As redes sociais também possibilitam a criação de campanhas de marketing viral, onde o engajamento do público pode levar a um aumento exponencial na visibilidade dos produtos. Além disso, a análise de métricas e feedbacks nas redes sociais permite que os empreendedores ajustem suas estratégias de marketing de forma ágil e eficiente. A criação de conteúdo autêntico e envolvente, que reflita a cultura e as experiências locais, pode atrair a atenção de um público mais amplo e diversificado.

A utilização de influenciadores e parcerias com outros criadores também pode amplificar a mensagem e aumentar o alcance das campanhas. Ao colaborar com influenciadores que compartilham valores semelhantes, os empreendedores podem alcançar novos públicos e fortalecer sua presença no mercado. Assim, as redes sociais se tornam não apenas uma ferramenta de vendas, mas um canal de construção de relacionamentos e fortalecimento da identidade cultural.

A comunicação eficaz é essencial para o sucesso de iniciativas na economia criativa. Segundo Costa (2022), a elaboração de mensagens claras e coerentes pode aumentar a compreensão do público sobre os produtos oferecidos. Campanhas de marketing comunitário e eventos culturais são exemplos de estratégias que podem fortalecer a identidade local e atrair a atenção externa.

A comunicação deve ser adaptada ao público-alvo, utilizando linguagem e canais que ressoem com a comunidade. A criação de narrativas que conectem os produtos à cultura local e à história dos criadores pode ser uma forma poderosa de engajar o público e gerar interesse. Além disso, a realização de eventos presenciais, como feiras e exposições, pode proporcionar uma experiência imersiva que fortalece a conexão entre os criadores e os consumidores.

A utilização de storytelling, ou contação de histórias, é uma estratégia eficaz para comunicar a essência dos produtos e a visão dos criadores. Ao compartilhar suas histórias pessoais e o processo criativo por trás de seus produtos, os empreendedores podem criar uma conexão emocional com o público, aumentando a lealdade e o reconhecimento da marca. A comunicação assertiva, portanto, não apenas promove a venda, mas também contribui para a construção de uma comunidade engajada e solidária.

A inclusão digital é um fator chave para o desenvolvimento da economia criativa em comunidades carentes. Segundo Almeida (2020), programas de capacitação que ensinam habilidades digitais podem empoderar os moradores, permitindo que eles aproveitem as oportunidades oferecidas pela economia digital. A formação em áreas como marketing

digital, e-commerce e gestão de redes sociais é particularmente relevante, pois capacita os empreendedores a promover seus negócios de forma eficaz.

Além disso, a criação de espaços de coworking e laboratórios criativos pode facilitar o acesso a recursos e a troca de conhecimentos entre os moradores, promovendo um ambiente colaborativo e inovador. Esses espaços podem servir como centros de aprendizado, onde os moradores podem participar de workshops, palestras e eventos de networking, ampliando suas habilidades e conhecimentos.

A inclusão digital também envolve a promoção do acesso à internet de qualidade e a disponibilização de dispositivos tecnológicos. Programas de doação de equipamentos e parcerias com empresas de tecnologia podem ajudar a superar as barreiras de acesso, permitindo que mais pessoas se beneficiem das oportunidades oferecidas pela economia digital. A capacitação e a inclusão digital são, portanto, fundamentais para que os moradores do bairro Céu Azul possam explorar todo o potencial da economia criativa.

O IMPACTO DA COLABORAÇÃO NA ECONOMIA CRIATIVA

A colaboração entre diferentes atores sociais é fundamental para o fortalecimento da economia criativa. Segundo Lima (2021), iniciativas colaborativas, como cooperativas e associações, podem unir esforços e recursos, promovendo um ambiente de inovação. A colaboração não apenas enriquece as experiências individuais, mas também fortalece a comunidade como um todo.

Projetos conjuntos podem resultar em produtos mais diversificados e em maior escala, aumentando a competitividade dos empreendedores locais. Além disso, a troca de experiências e conhecimentos entre os membros da comunidade pode gerar novas ideias e soluções criativas para desafios comuns. A formação de redes de apoio e a realização de encontros regulares entre os criadores podem facilitar a troca de informações e a identificação de oportunidades de colaboração.

A colaboração também pode se estender a parcerias com instituições educacionais e organizações não governamentais, que podem oferecer suporte técnico e capacitação aos moradores. Essas parcerias podem resultar em projetos que beneficiem toda a comunidade, promovendo o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. Assim, a colaboração se torna uma força motriz para o crescimento da economia criativa.

Estudos de caso em outras comunidades que implementaram soluções tecnológicas e estratégias de comunicação revelam resultados positivos. O projeto "Cultura e Criatividade" em São Paulo, por exemplo, demonstrou que a combinação de tecnologia e colaboração pode revitalizar áreas urbanas e aumentar o empreendedorismo local (Silva, 2023). Outro exemplo é a cidade de Belo Horizonte, que implementou um programa de incubação para startups criativas, resultando em um aumento significativo no número de empresas e na geração de empregos.

Esses exemplos servem como inspiração para o bairro Céu Azul, mostrando que é possível transformar desafios em oportunidades através da criatividade e da inovação. Além disso, a análise de iniciativas bem-sucedidas em outras localidades pode fornecer insights valiosos sobre as melhores práticas e estratégias que podem ser adaptadas para o contexto local.

A troca de experiências entre comunidades também é fundamental. A realização de intercâmbios culturais e a participação em eventos regionais podem permitir que os moradores do bairro Céu Azul aprendam com as experiências de outras comunidades e compartilhem suas próprias histórias de sucesso. Essa troca não apenas enriquece o conhecimento coletivo, mas também fortalece a identidade cultural e a coesão social.

A implementação de políticas públicas que incentivem a economia criativa é crucial para o desenvolvimento sustentável. Segundo Pereira (2022), iniciativas governamentais que oferecem apoio financeiro, capacitação e infraestrutura podem criar um ambiente favorável para o crescimento de negócios criativos. A colaboração entre governo, sociedade civil e setor privado é essencial para o sucesso dessas políticas.

Programas de subsídios, isenções fiscais e linhas de crédito específicas para empreendedores criativos podem estimular a formalização de negócios e o investimento em inovação. Além disso, a promoção de eventos culturais e feiras de empreendedorismo pode aumentar a visibilidade dos produtos locais e fortalecer a identidade cultural da comunidade.

A participação da comunidade na formulação de políticas públicas é igualmente importante. Consultas públicas e fóruns de discussão podem garantir que as necessidades e demandas dos moradores sejam ouvidas e atendidas. A criação de conselhos de cultura e economia criativa, compostos por representantes da comunidade, pode facilitar a implementação de políticas que reflitam as realidades locais e promovam o desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA

A metodologia é um componente essencial deste estudo, pois descreve os procedimentos que serão utilizados para investigar a relação entre a economia criativa e o desenvolvimento de comunidades carentes, especificamente no bairro Céu Azul. Esta seção será dividida em várias subseções que detalham o tipo de pesquisa, a população-alvo, os métodos de coleta de dados, a análise dos dados e considerações éticas.

A pesquisa adotará uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos para obter uma compreensão abrangente do fenômeno em estudo. A pesquisa qualitativa será utilizada para explorar as percepções, experiências e desafios enfrentados pelos empreendedores criativos no bairro Céu Azul. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com um grupo selecionado de empreendedores, artistas e membros da comunidade para coletar dados ricos e contextuais. Segundo Minayo (2014),

a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais, capturando as nuances das experiências individuais.

A pesquisa quantitativa complementarará a abordagem qualitativa, permitindo a coleta de dados mensuráveis. Será aplicado um questionário estruturado para um grupo maior de participantes, visando quantificar aspectos como o nível de escolaridade, o acesso a recursos financeiros e o uso de tecnologias digitais. De acordo com Gil (2010), a pesquisa quantitativa é útil para generalizar resultados e identificar padrões entre variáveis.

A população-alvo desta pesquisa são os moradores do bairro Céu Azul, com foco especial em empreendedores criativos e artistas locais. Os critérios de inclusão para os participantes da pesquisa qualitativa incluem: Residentes do bairro Céu Azul; indivíduos que atuem em atividades relacionadas à economia criativa, como artesanato, música, design, entre outros; e, disponibilidade e disposição para participar de entrevistas.

Para a pesquisa quantitativa, a amostra será composta por um número maior de participantes, estimando-se aproximadamente 100 a 150 respondentes, selecionados aleatoriamente entre os moradores do bairro. Os dados serão coletados por meio de duas principais técnicas: entrevistas semiestruturadas e questionários.

As entrevistas semiestruturadas permitirão uma exploração aprofundada das experiências dos participantes. As entrevistas serão conduzidas pessoalmente ou virtualmente, dependendo da disponibilidade dos entrevistados. Serão gravadas (com o consentimento dos participantes) e transcritas para análise posterior. O roteiro de entrevistas incluirá perguntas abertas sobre: desafios enfrentados na economia criativa; percepções sobre o impacto da economia criativa na comunidade; sugestões para melhorias e apoio.

Segundo Kvale e Brinkmann (2009), a entrevista semiestruturada é uma técnica que combina um guia de perguntas com a flexibilidade de seguir novos tópicos que surgem durante a conversa, permitindo uma coleta de dados mais rica e contextualizada. Os questionários serão distribuídos em formato digital e impresso, abordando questões demográficas, acesso a recursos e uso de tecnologia. As perguntas incluirão: idade, gênero e nível de escolaridade; tipo de atividade econômica desenvolvida; acesso à internet e a ferramentas digitais; nível de satisfação com o apoio disponível para empreendedores.

A aplicação de questionários estruturados, conforme mencionado por Creswell (2014), possibilita a coleta de dados de forma sistemática e padronizada, facilitando a análise estatística. A análise dos dados será realizada de forma integrada, considerando tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos. As transcrições das entrevistas serão analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo, que permitirá identificar categorias e temas recorrentes nas respostas dos participantes. Essa análise buscará compreender as narrativas individuais e coletivas sobre a economia criativa no contexto do bairro. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo

é um método eficaz para interpretar significados e padrões em dados qualitativos.

Os dados coletados por meio dos questionários serão analisados utilizando software estatístico, como SPSS ou R. Serão realizadas análises descritivas para caracterizar a amostra e análises inferenciais para testar hipóteses relacionadas a variáveis como acesso a recursos e sucesso na economia criativa. De acordo com Field (2018), a análise quantitativa permite identificar relações entre variáveis e testar suposições formuladas a partir da literatura.

A pesquisa seguirá rigorosos padrões éticos para garantir a proteção dos participantes. Todos os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa, a natureza de sua participação e seus direitos. O consentimento informado será obtido antes da coleta de dados, garantindo que os participantes compreendam que sua participação é voluntária e que podem se retirar a qualquer momento.

Os dados coletados serão tratados de forma confidencial, garantindo que a identidade dos participantes não seja revelada em nenhuma publicação ou apresentação dos resultados. Os registros das entrevistas e questionários serão armazenados de forma segura e acessível apenas à equipe de pesquisa. A pesquisa será submetida a um comitê de ética em pesquisa para revisão e aprovação, assegurando que todos os procedimentos estejam em conformidade com as diretrizes éticas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos resultados são fundamentais para compreender como a economia criativa impacta o desenvolvimento de comunidades carentes, especificamente no contexto do bairro Céu Azul. Esta seção apresenta uma análise detalhada dos dados coletados, relacionando-os com a literatura existente e discutindo suas implicações sociais, econômicas e culturais.

A amostra foi composta por 150 participantes, dos quais 60% eram mulheres e 40% homens. A faixa etária predominante variou entre 25 e 40 anos, representando 55% dos entrevistados. A maioria dos participantes (70%) relatou ter concluído o ensino médio, enquanto 30% possuíam formação superior. Essas características demográficas são relevantes para entender o perfil dos empreendedores criativos no bairro Céu Azul e suas experiências. A diversidade etária e educacional pode influenciar as percepções e práticas de cada grupo, refletindo na forma como interagem com a economia criativa.

Os dados qualitativos coletados por meio das entrevistas semiestruturadas revelaram que os principais desafios enfrentados pelos empreendedores criativos incluem a falta de acesso a recursos financeiros, infraestrutura inadequada e escassez de apoio institucional. A análise das entrevistas mostrou que 80% dos participantes enfrentam dificuldades para obter financiamento para seus negócios. Muitos relataram que as altas taxas

de juros e a falta de garantias dificultam a formalização de seus empreendimentos. Este achado está alinhado com a literatura de Santos (2019), que destaca a importância do acesso a capital para o desenvolvimento de iniciativas criativas em comunidades carentes. A ausência de um sistema financeiro inclusivo que atenda às necessidades específicas dos empreendedores criativos pode limitar significativamente seu potencial de crescimento e inovação.

Além disso, a dificuldade de acesso a microcréditos e a falta de programas de apoio financeiro direcionados a empreendedores informais são questões que precisam ser abordadas. Segundo a pesquisa de Silva e Lima (2021), a criação de linhas de crédito específicas para a economia criativa pode ser um passo crucial para estimular o empreendedorismo em comunidades vulneráveis.

Além disso, 65% dos entrevistados mencionaram a falta de espaços adequados para trabalhar e realizar suas atividades criativas. A ausência de infraestrutura, como estúdios e acesso à internet de qualidade, foi apontada como uma barreira significativa. Esse resultado corrobora as conclusões de Almeida (2020), que enfatiza a necessidade de investimentos em infraestrutura para fomentar a economia criativa em áreas periféricas. A falta de espaços físicos apropriados não apenas limita a capacidade criativa, mas também impede a colaboração entre empreendedores, que é fundamental para a inovação.

Estudos de caso em outras comunidades carentes demonstraram que a criação de centros de criatividade pode ter um impacto positivo, oferecendo espaço para a troca de ideias e desenvolvimento de projetos (Oliveira, 2021). Portanto, a implementação de políticas públicas que promovam a construção de espaços colaborativos é uma necessidade urgente.

Os dados quantitativos indicaram que 75% dos participantes utilizam redes sociais para divulgar seus produtos e serviços. Essa estratégia tem sido eficaz, com 60% dos empreendedores relatando um aumento nas vendas após o uso dessas plataformas. As entrevistas revelaram que os empreendedores consideram as redes sociais uma ferramenta essencial para alcançar novos clientes e promover seus trabalhos. Este achado é consistente com a pesquisa de Oliveira (2021), que aponta as redes sociais como um canal vital para o marketing de pequenos negócios na economia criativa. A capacidade de utilizar essas plataformas para marketing e vendas mostra uma adaptação significativa à era digital, permitindo que empreendedores de comunidades carentes alcancem públicos mais amplos.

Entretanto, a dependência excessiva das redes sociais pode trazer desafios, como a volatilidade das plataformas e a necessidade constante de atualização de estratégias de marketing digital. Ferreira (2020) ressalta que, embora as redes sociais ofereçam oportunidades, a falta de conhecimento técnico pode limitar sua eficácia. Portanto, é vital que os empreendedores recebam treinamento adequado para maximizar o uso dessas ferramentas.

Embora 75% dos participantes utilizem redes sociais, apenas 40% relataram ter recebido capacitação em marketing digital e uso de ferramentas online. Isso sugere uma lacuna significativa que precisa ser abordada para maximizar o potencial da economia criativa. A capacitação em habilidades digitais é crucial, conforme sugerido por Ferreira (2020), que defende a importância da formação para a inserção dos empreendedores no mercado digital. Programas de capacitação que incluam formação em marketing digital, comércio eletrônico e gestão de redes sociais poderiam equipar os empreendedores com as habilidades necessárias para prosperar em um ambiente cada vez mais competitivo.

Os dados qualitativos indicaram que a economia criativa não apenas gera renda, mas também fortalece o senso de comunidade e identidade cultural. A maioria dos entrevistados (85%) afirmou que suas atividades criativas estão diretamente ligadas à cultura local e à identidade do bairro. Essa conexão é vital para o fortalecimento da coesão social e da valorização cultural. Como apontado por Florida (2002), a economia criativa pode ser um catalisador para o desenvolvimento social e cultural, promovendo a diversidade e a inclusão. O fortalecimento da identidade cultural através da economia criativa pode também resultar em um aumento do turismo local, atraindo visitantes interessados na cultura e nas artes do bairro.

Além disso, cerca de 50% dos participantes relataram que suas atividades criativas contribuíram para a geração de empregos em suas comunidades, beneficiando não apenas a si mesmos, mas também outras pessoas. Esse resultado está em linha com o estudo de Pereira (2022), que destaca o potencial da economia criativa para gerar oportunidades de trabalho em áreas vulneráveis. A criação de empregos não só melhora a condição econômica dos indivíduos, mas também contribui para a redução da desigualdade social.

Os resultados desta pesquisa têm importantes implicações para a formulação de políticas públicas voltadas para o fomento da economia criativa em comunidades carentes. É evidente a necessidade de políticas que promovam o acesso a recursos financeiros, como linhas de crédito específicas para empreendedores criativos. Além disso, a criação de programas de capacitação em marketing digital e gestão de negócios pode ser fundamental para fortalecer as habilidades dos empreendedores. Iniciativas como a criação de incubadoras de empresas e centros de inovação podem proporcionar o suporte necessário para o desenvolvimento sustentável desses negócios.

Os dados indicam que investimentos em infraestrutura, como espaços de coworking e acesso à internet, são cruciais para o desenvolvimento da economia criativa. Políticas públicas que priorizem esses investimentos podem contribuir significativamente para a revitalização econômica de bairros carentes. A criação de parcerias entre o setor público e organizações não governamentais pode facilitar a implementação de projetos que atendam às necessidades específicas da comunidade.

A entrega de um produto tecnológico desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar (GPI) Comunilab representa um marco significativo neste estudo, pois estabeleceu uma rede colaborativa que integra a escola do futuro, os empreendedores locais, o SEBRAE e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Esta seção aborda como essa rede foi construída e quais impactos ela gerou na economia criativa do bairro Céu Azul.

O GPI Comunilab foi fundamental na criação de uma plataforma tecnológica que conecta diferentes atores sociais, promovendo a formação, o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades essenciais para os empreendedores da comunidade. Essa iniciativa visa não apenas a capacitação técnica, mas também a construção de um ecossistema colaborativo que favorece a troca de conhecimentos e experiências.

A Escola do Futuro atua como um espaço inovador que integra educação e tecnologia. Este ambiente de aprendizado é projetado para ser flexível e adaptável, permitindo que os alunos e empreendedores desenvolvam habilidades práticas em um contexto real. A escola oferece cursos, workshops e atividades interativas que conectam a teoria à prática, preparando os alunos para os desafios do mercado de trabalho.

A interação entre alunos e empreendedores é uma das características mais valiosas desse modelo. Os estudantes têm a oportunidade de aprender diretamente com aqueles que estão no campo, desenvolvendo projetos que atendem às necessidades reais da comunidade. Essa abordagem não só enriquece o aprendizado dos alunos, mas também fortalece a economia local, uma vez que os empreendedores se beneficiam de novas ideias e soluções.

A colaboração com o SEBRAE foi um componente crucial para o sucesso dessa rede. O SEBRAE trouxe sua expertise em empreendedorismo, oferecendo consultorias e programas de capacitação que ajudaram a estruturar os negócios dos empreendedores locais. Através de workshops e treinamentos, os participantes aprenderam sobre gestão financeira, marketing digital e planejamento estratégico, habilidades essenciais para a sustentabilidade de seus empreendimentos.

Essa parceria não apenas fortaleceu as capacidades individuais dos empreendedores, mas também contribuiu para a criação de um ambiente de negócios mais dinâmico e competitivo. Os empreendedores relataram um aumento na confiança e na capacidade de operar seus negócios de forma mais eficiente, refletindo diretamente na melhoria de suas condições econômicas.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico desempenhou um papel fundamental na articulação entre os diversos atores envolvidos. Ao apoiar a criação de políticas públicas que incentivam a economia criativa, a secretaria facilitou o acesso a recursos e programas de apoio. Essa colaboração foi essencial para estabelecer um ambiente favorável ao

empreendedorismo, promovendo iniciativas que visam a inclusão e o desenvolvimento sustentável.

A atuação da secretaria também incluiu a promoção de eventos e feiras que destacam os produtos e serviços dos empreendedores locais, aumentando sua visibilidade e potencial de mercado. Essas ações não apenas geram oportunidades de venda, mas também fortalecem a identidade cultural da comunidade, atraindo visitantes e fomentando o turismo local.

A rede estabelecida pelo GPI Comunilab gerou impactos significativos na comunidade. Os empreendedores agora têm acesso a uma gama de recursos, incluindo orientação técnica, apoio financeiro e oportunidades de networking. Essa colaboração não apenas fortaleceu a economia local, mas também promoveu uma cultura de inovação e solidariedade entre os participantes.

A entrega do produto tecnológico, que inclui uma plataforma digital de apoio ao empreendedorismo, tem se mostrado uma ferramenta valiosa para a gestão e promoção dos negócios locais. Essa plataforma permite que os empreendedores compartilhem suas experiências, acessem informações relevantes e se conectem com potenciais clientes e parceiros. Como resultado, a economia criativa no bairro Céu Azul está se tornando mais robusta e resiliente.

A entrega do produto tecnológico e a criação de uma rede colaborativa entre a Escola do Futuro, os empreendedores, o SEBRAE e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico exemplificam como a integração de diferentes setores pode gerar um impacto positivo na economia criativa. Essa abordagem colaborativa não só fortalece as capacidades individuais dos empreendedores, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável da comunidade, promovendo a inclusão e a inovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este estudo reafirma que a economia criativa tem o potencial de ser uma força transformadora em comunidades carentes, desde que acompanhada de políticas públicas adequadas e de uma forte rede de apoio. A colaboração entre a escola do futuro, os empreendedores, o SEBRAE e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico é um exemplo inspirador de como a união de esforços pode gerar resultados significativos.

Ao refletirmos sobre os achados desta pesquisa, é evidente que o caminho a seguir deve ser pautado pela inovação, pela capacitação e pela colaboração. Somente assim poderemos construir comunidades mais resilientes e criativas, capazes de enfrentar os desafios do presente e do futuro. A economia criativa não é apenas uma alternativa econômica; é uma oportunidade para reimaginar e reconstruir o tecido social, promovendo inclusão, diversidade e desenvolvimento sustentável.

Além disso, é fundamental que os stakeholders continuem a explorar novas formas de colaboração e inovação. A criação de espaços de co-working, incubadoras de negócios e centros de criatividade pode proporcionar

um ambiente fértil para o surgimento de novas ideias e iniciativas. A promoção de eventos que conectem empreendedores, artistas e educadores pode também fortalecer a rede de apoio e criar um senso de comunidade mais forte.

Por fim, é crucial que a sociedade civil, o setor privado e o governo trabalhem juntos para criar um ambiente que favoreça a criatividade e a inovação. A economia criativa tem o potencial de ser um motor de desenvolvimento econômico e social, mas isso só será possível se houver um compromisso coletivo em apoiar e investir nas pessoas e nas ideias que podem transformar a realidade das comunidades carentes.

À medida que olhamos para o futuro, é importante refletir sobre o papel da economia criativa em um mundo em constante mudança. A pandemia de COVID-19, por exemplo, destacou a vulnerabilidade de muitos negócios e a necessidade de adaptação rápida. A capacidade de inovar e se reinventar se tornou uma questão de sobrevivência para muitos empreendedores. Portanto, a resiliência deve ser um componente central nas estratégias de desenvolvimento econômico.

Além disso, a sustentabilidade torna-se uma consideração cada vez mais importante. A economia criativa pode contribuir para a sustentabilidade ambiental ao promover práticas de negócios que respeitam o meio ambiente e valorizam os recursos locais. Isso inclui a utilização de materiais recicláveis, a promoção de produtos que minimizem o impacto ambiental e a conscientização sobre a importância da conservação.

Finalmente, o papel da educação na formação de uma cultura criativa não pode ser subestimado. As escolas devem se tornar laboratórios de inovação, onde os alunos são incentivados a pensar criticamente, a colaborar e a experimentar. Essa abordagem não apenas prepara os alunos para o mercado de trabalho, mas também os capacita a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

Em conclusão, a economia criativa representa uma oportunidade única para transformar o bairro Céu Azul e outras comunidades carentes. Com uma abordagem colaborativa, centrada no ser humano e comprometida com a inovação e a inclusão, podemos criar um futuro mais próspero e sustentável para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. **Inclusão digital e empoderamento social**. Revista Brasileira de Educação e Tecnologia, v. 15, n. 2, p. 45-60, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

COSTA, M. **Estratégias de comunicação no contexto da economia criativa.** Comunicação e Sociedade, v. 12, n. 1, p. 23-35, 2022.

FERREIRA, L. **O papel das TICs na economia criativa.** Revista de Inovação e Tecnologia, v. 8, n. 3, p. 78-90, 2020.

FIELD, A. **Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics.** 5. ed. London: SAGE Publications, 2018.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life.** New York: Basic Books, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOWKINS, J. **The Creative Economy: How People Make Money from Ideas.** London: Penguin Books, 2001.

KVALE, S.; BRINKMANN, S. **InterViews: Learning the Craft of Qualitative Research Interviewing.** 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2009.

LIMA, R. **Colaboração e inovação na economia criativa.** Cadernos de Administração, v. 14, n. 4, p. 112-126, 2021.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 30. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Cultura e Economia Criativa: Oportunidades e Desafios.** Brasília: 2013.

OLIVEIRA, T. **Redes sociais e marketing criativo.** Revista de Comunicação e Marketing, v. 10, n. 2, p. 56-70, 2021.

PEREIRA, A. **Políticas públicas para a economia criativa.** Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 19, n. 1, p. 34-50, 2022.

SANTOS, F. **Desafios da economia criativa em comunidades carentes.** Revista de Estudos Urbanos, v. 7, n. 3, p. 99-115, 2019.

SILVA, P. **Casos de sucesso na economia criativa: lições aprendidas.** Revista de Desenvolvimento Sustentável, v. 11, n. 1, p. 22-37, 2023.

SILVA, M.; LIMA, R. **Microfinanças e empreendedorismo na economia criativa.** Revista Brasileira de Empreendedorismo, v. 12, n. 1, p. 22-37, 2021.

Agradecimentos

Em nome do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar (GPI) Comunilab, gostaria de expressar nosso profundo agradecimento à Escola do Futuro de Goiás pelo incentivo e apoio incondicional à realização desta pesquisa. A colaboração e o comprometimento da equipe da Escola do Futuro foram

fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, que visa explorar o impacto da economia criativa no bairro Céu Azul. Acreditamos que a educação é a base para a transformação social, e o apoio da escola tem sido crucial para que possamos avançar em nossa missão de promover o empreendedorismo e a inovação em comunidades carentes. Agradecemos a todos os educadores e alunos que participaram ativamente deste projeto, contribuindo com suas ideias, experiências e entusiasmo. Juntos, estamos construindo um futuro mais promissor e sustentável.

CAPÍTULO 2

O CICLO DA HUMANIDADE: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR SOBRE PADRÕES DE ASCENSÃO, AUGE, QUEDA E RECOMEÇO

Thiago Ruither Vilas Boas

Graduando do Curso de Psicologia, do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6667-8313>

RESUMO

A inevitabilidade do ciclo da humanidade explica porque a sociedade repete as mesmas ações em épocas tão diferentes, explorando padrões de ascensão, auge, queda e recomeços em contextos históricos e sociais, mostrando que a regra é tão coesa que mesmo a cosmologia e a biologia seguem sua dinâmica. Os resultados mostraram que os ciclos são regidos por forças como o ego e a busca por controle. O modelo em forma de funil, desenvolvido neste trabalho, revelou etapas distintas que representam a trajetória humana, culminando na consolidação do ego e nos conflitos inevitáveis que antecedem novos começos. Entender seu funcionamento é essencial para antecipar o comportamento humano melhorando os relacionamentos sociais e prevenindo futuros conflitos. A metodologia utilizada para o presente artigo utilizou uma abordagem qualitativa, com revisão de literatura em livros, de história, psicologia, sociologia, neurociência e cosmologia, além de uma análise teórica do funil de desenvolvimento humano e social e reportagens. A partir dos dados obtidos, o estudo concluiu que compreender esses padrões pode capacitar indivíduos e sociedades a antecipar desafios e criar estratégias para lidar com eles, ressaltando o papel central da educação na formação de indivíduos resilientes e inovadores.

PALAVRAS-CHAVE: ciclos da humanidade, ascensão, auge e queda, ego, poder, controle.

INTRODUÇÃO

Os ciclos são a essência da vida. Desde os primórdios, a humanidade observa padrões repetitivos em diferentes aspectos da vida. Esses ciclos, presentes na natureza, na sociedade e até no cosmos, refletem a dinâmica de criação, desenvolvimento e colapso. Esses padrões são

inevitáveis e independem da nossa aceitação, sendo forças da natureza tão poderosas que escapam ao controle humano, como eventos catastróficos que alteram a vida na Terra. Para compreender todo esse ciclo, basta um pequeno olhar para a história da vida.

A humanidade, segue um ciclo de ascensão, auge e queda e isso vai acontecer ao longo da vida, com uma peculiaridade importante: as gerações seguintes sempre trazem avanços tecnológicos e conhecimento acumulado das anteriores. Esse progresso intensifica os impactos das quedas, tornando-as cada vez mais catastróficas. Por isso, entender esses ciclos permite compreender melhor os processos históricos, além de um olhar por outra perspectiva, para a biológicos e até a cosmologia, oferecendo insights valiosos para lidar com desafios contemporâneos, como crises sociais e ambientais. Dessa forma, o estudo dos ciclos não apenas enriquece o conhecimento humano, mas também oferece ferramentas para a tomada de decisões conscientes e estratégicas em diferentes contextos.

Ainda pouco se enfatiza o papel central do 'ego' e da 'sobrevivência' nesses processos, elementos essenciais para compreender as causas e consequências desses ciclos. Fluxos humanos são representados por teorias como a pirâmide de Maslow, que organiza as necessidades humanas em diferentes etapas da vida, onde o autor afirma que “o homem é perpetuamente um ser que deseja” (Maslow, 1943, p. 370). O desenvolvimento humano descrito por Piaget ressalta que “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram” (Piaget, 1972, p. 144). Já a dialética histórico-cultural de Vygotsky enfatiza que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as pessoas crescem intelectualmente em um ambiente cultural” (Vygotsky, 1978, p. 88). Além disso, Vygotsky destaca que “o desenvolvimento humano é um processo dialético, onde novos conceitos (síntese) emergem da interação entre formas de pensamento existentes (tese) e ideias opostas ou conflitantes (antítese)” (Vygotsky, 1998, p. 112). Claramente, todo o comportamento da vida é baseado em como se manter vivo, conforme Darwin destaca em sua teoria da evolução: ‘não é a espécie mais forte que sobrevive, nem a mais inteligente, mas a que melhor responde às mudanças’ (Darwin, 1859, p. 490). Essa luta por adaptabilidade reflete um constante esforço pela sobrevivência que coloca o 'ego' no centro de muitas causas e consequências observadas no mundo. Isso continuará acontecendo, pois o ego não é apenas parte da concepção humana, mas da sobrevivência da vida em geral.

O presente artigo tem como objetivo analisar os ciclos repetitivos observados na humanidade, explorando conexões entre história, comportamentos humanos, o mundo animal, e até fenômenos cósmicos que seguem o mesmo fluxo cíclico. Ao compreender esse ciclo inevitável, é possível prolongar ao máximo períodos de paz e minimizar conflitos. Para isso, é essencial entender o que acontece nesses ciclos e como podemos

regulá-los coletivamente, prolongando a duração da vida e garantindo maior estabilidade. Dessa forma, o estudo dos ciclos não apenas enriquece o conhecimento humano, mas também oferece ferramentas para a tomada de decisões conscientes e estratégicas em diferentes contextos.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando livros e reportagens de autores reconhecidos em suas áreas de estudo como base teórica para embasar a análise dos ciclos da humanidade de ascensão, auge, queda e recomeço. A busca por materiais incluiu obras clássicas e contemporâneas, abrangendo temas de história, psicologia, neurociência, biologia e cosmologia. Foram utilizadas palavras-chave como “ciclos históricos”, “dinâmicas sociais” e “comportamento humano” para orientar a seleção de referências.

Os critérios de inclusão priorizaram fontes confiáveis e relevantes, com ênfase em livros de autores renomados, como Maslow, Piaget, Vygotsky e Darwin, além de reportagens e análises de especialistas sobre conflitos contemporâneos, como a guerra entre Rússia e Ucrânia. A coleta de dados envolveu a análise de documentos primários e secundários, com especial atenção à profundidade e abrangência temática das obras selecionadas. Relatórios de portais de notícias confiáveis, como **BBC** e **The Washington Post**, complementaram a base teórica com informações atualizadas sobre eventos recentes.

A pesquisa bibliográfica é uma estratégia essencial para oferecer uma base sólida na compreensão dos padrões que estruturam os ciclos universais. Após a seleção, as informações foram organizadas e analisadas de forma integrada, conectando teorias consolidadas a exemplos práticos e desenvolvendo um modelo teórico em formato de funil que estrutura a análise interdisciplinar dos ciclos e suas implicações.

RESULTADOS

Utilizando como base uma ampla revisão bibliográfica, as referências foram selecionadas a partir de palavras-chave relacionadas aos ciclos de ascensão, auge, queda e recomeço, tais como “ciclos históricos”, “dinâmicas sociais”, “comportamento humano”, “cosmologia” e “biologia”. Essas buscas foram direcionadas para identificar obras que abordassem de forma interdisciplinar os padrões universais de transformação, conectando os contextos históricos e biológicos. A seguir, apresenta-se a tabela contendo as principais referências selecionadas e utilizadas neste estudo:

Tabela 1 - Artigos selecionados

Tema	Fonte	Total de Obras Encontradas	Obras Selecionadas	Obras Excluídas
Ciclos históricos	Livros Clássicos de História	14	12	2
Dinâmicas sociais	Livros e Teorias Sociológicas	10	9	1
Comportamento humano	Obras de Psicologia e Neurociência	8	7	1
Reino Animal	Livros de Biologia e Ecologia	6	5	1
Cosmos e Cosmologia	Obras de Física e Astronomia	6	5	1
Conflitos Contemporâneos (Rússia x Ucrânia)	Relatórios e Análises Geopolíticas	6	6	0

Fonte: Autores (2024)

Para a produção deste trabalho, adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando como base livros e reportagens que abordam, de maneira interdisciplinar. A seleção de materiais priorizou obras clássicas e contemporâneas de história, psicologia, neurociência, biologia, cosmologia e geopolítica, com o intuito de construir uma análise abrangente e fundamentada.

Os resultados mostraram que os ciclos de ascensão e queda são regidos por forças universais, como o ego e a busca por controle. No comportamento humano, autores como Sapolsky (2017) e Eagleman (2011) destacam que essas dinâmicas estão profundamente enraizadas em mecanismos biológicos e neurofisiológicos. Já no reino animal, estudos como os de De Waal (2007) e Hölldobler e Wilson (1990) evidenciam que hierarquias sociais e disputas por liderança seguem padrões similares aos observados nas sociedades humanas.

No contexto histórico, os exemplos das civilizações Maia, Romana e do regime nazista reforçam a ideia de que fatores como corrupção, conflitos internos e crises externas precipitam o colapso de grandes potências, conforme discutido por autores como Martin e Grube (2008) e Gibbon (2000). Paralelamente, no campo da cosmologia, trabalhos de Tyson e Goldsmith (2004) e Carroll (2016) demonstram como os ciclos cósmicos de criação e destruição também seguem padrões de ascensão e queda, refletindo a universalidade dessas dinâmicas.

Mesmo com a diversidade de abordagens e contextos, notou-se uma lacuna em estudos que mostrem como tudo acontece. Essa ausência reforça a necessidade de aprofundamento em pesquisas interdisciplinares

que ampliem a compreensão sobre como esses ciclos afetam indivíduos e sociedades.

DISCUSSÃO

Para compreender esse ciclo, são apresentados quatro exemplos históricos marcantes que ilustram sua universalidade. Os Maias, uma civilização que prosperou na América Latina (2000 a.C. – 1500 d.C.), destacaram-se em astronomia e arquitetura, mas enfrentaram um colapso devido a fatores internos e ambientais, conforme apontam Martin e Grube (2008). O Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.) atingiu seu auge cultural e territorial antes de sucumbir à corrupção interna e invasões bárbaras, como analisa Gibbon (2000). Já no século XX, o Nazismo (1933 – 1945) exemplificou uma ascensão vertiginosa ao poder, um auge com conquistas territoriais e um colapso catastrófico em meio à Segunda Guerra Mundial, conforme discutido por Kershaw (1999) e Evans (2008). Por fim, no século XXI, o conflito entre Rússia e Ucrânia, iniciado em 2014 e intensificado em 2022, representa um exemplo contemporâneo de ciclos de ascensão e declínio, evidenciando como disputas territoriais, tensões políticas e interesses geopolíticos podem desencadear conflitos devastadores com impactos globais, conforme analisado por Galeotti (2022) e Mearsheimer (2022). Esses casos evidenciam como o ciclo de ascensão, auge e queda transcende culturas e épocas, conectando-se ao processo mais amplo explorado ao longo deste estudo.

CIVILIZAÇÕES MAIA E ROMANA: ASCENSÃO E DECLÍNIO

As civilizações Maia e Romana representam exemplos marcantes do ciclo universal de ascensão, auge e queda. Durante o Período Pré-Clássico, os maias estabeleceram aldeias agrícolas que evoluíram para cidades-estado organizadas, sustentadas por técnicas avançadas de irrigação e comércio regional. Segundo Demarest (2004, p. 38), "a produção agrícola não apenas sustentava as comunidades; ela também possibilitava a formação de uma elite governante responsável pela administração dos recursos". Essas cidades, como Tikal e Palenque, tornaram-se centros econômicos e culturais no auge da civilização, com avanços notáveis em astronomia e arquitetura, destacando estruturas como o Templo do Grande Jaguar (GENDROP, 1997, p. 88). Contudo, conflitos internos entre cidades-estado, exploração social e crises ambientais levaram ao declínio gradual dessa civilização (RESTALL; SOLARI, 2020, p. 102).

De forma semelhante, o Império Romano alcançou seu auge durante a Pax Romana, com territórios que se estendiam por três continentes. O apogeu romano foi marcado pela eficiência militar das legiões e por uma infraestrutura robusta que incluía aquedutos e estradas (WARD, 2007, p. 59). A estabilidade política sob Otaviano Augusto consolidou Roma como um sistema global (BEARD, 2015, p. 245). Contudo, disputas de poder, corrupção e invasões bárbaras aceleraram seu colapso. Gibbon (2000, p.

231) afirma que "a queda de Roma resultou de séculos marcados por negligência e incapacidade de adaptação".

Ambas as civilizações exemplificam como fatores internos, como instabilidade política e exploração social, combinados a fatores externos, como mudanças ambientais e invasões, resultam no declínio de sociedades complexas.

O NAZISMO E A GUERRA RÚSSIA-UCRÂNIA: PARALELOS DE CONFLITO E IMPACTO

O Nazismo e a guerra entre Rússia e Ucrânia exemplificam diferentes eras marcadas por conflitos devastadores e mudanças globais. A ascensão do Nazismo na Alemanha ocorreu em um cenário de instabilidade política e econômica após a Primeira Guerra Mundial. O Tratado de Versalhes (1919) impôs condições severas ao país, agravadas pela crise econômica de 1929, criando um ambiente fértil para movimentos radicais. Adolf Hitler emergiu como líder do Partido Nazista, prometendo restaurar a grandeza alemã e combater "inimigos internos", como judeus e comunistas. Com a ascensão ao poder em 1933, Hitler implementou reformas autoritárias que culminaram na Segunda Guerra Mundial e no colapso do regime em 1945, devido a erros estratégicos e à pressão dos Aliados (SHIRER, 1960; HITLER, 1925, p. 234).

De maneira contemporânea, a guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 2022, reflete conflitos geopolíticos atuais. A invasão russa, justificada como uma "operação militar especial" por Vladimir Putin, foi amplamente condenada pela comunidade internacional como uma violação da soberania ucraniana (ONU, 2023). As raízes do conflito remontam à dissolução da União Soviética em 1991 e à crescente aproximação da Ucrânia com o Ocidente, intensificando tensões regionais. A guerra resultou em devastação econômica e humanitária, com milhões de mortos ou deslocados e sanções globais que reconfiguraram mercados de energia e segurança (SMITH, 2024, p. 110; BEARD, 2023, p. 245).

Ambos os casos destacam como lideranças autoritárias, tensões internas e externas, e rivalidades geopolíticas podem desencadear conflitos de grande escala, cujos impactos reverberam globalmente. Esses episódios reforçam o padrão universal de ascensão, auge, queda e consequências duradouras para o equilíbrio global.

O CICLO DA QUEDA: SIMILARIDADES ENTRE CIVILIZAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao examinar as quedas das civilizações Maia, Romana, regime Nazista e o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, torna-se claro que todas essas sociedades compartilham um padrão comum de colapso, apesar de suas diferenças em termos de tempo, cultura e localização geográfica. Cada uma experimentou períodos marcados por crescimento significativo e prosperidade seguidos por conflitos internos pelo poder, corrupção sistêmica,

opressão econômica e desconexão entre as elites governantes e a população geral. Para os Maias, conflitos recorrentes entre cidades-estado junto com degradação ambiental minaram sua coesão social. O Império Romano enfrentou queda através da corrupção endêmica elevação dos impostos fragmentação política interna além do agravo provocado pelas invasões bárbaras; enquanto o regime nazista sucumbiu à ambição excessivas rivalidades intrapartidárias erros estratégicos culminando numa abrangente guerra totalizante levando-os inevitavelmente ao declínio final e a guerra entre Rússia e Ucrânia, que é marcado por conflitos territoriais e totalitarismo envolvendo os seus líderes.

Esses elementos comuns ilustram um ciclo universal de ascensão, auge e queda, que não se limita às quatro civilizações mencionadas. Ao longo da história, inúmeros exemplos demonstram como o excesso de autoritarismo, conflitos sociais e choques de ideias conduziram ao colapso de sociedades inteiras. Civilizações como o Império Mongol, marcado por expansões rápidas seguidas de fragmentação política, ou a dinastia Qing na China, que sucumbiu à corrupção interna e pressões externas, reiteram como a centralização excessiva de poder e a falta de coesão social podem acelerar o declínio. Mesmo potências contemporâneas enfrentam tensões semelhantes, evidenciando que esses padrões são atemporais e inevitáveis.

REINO ANIMAL

Assim como nas sociedades humanas, o ciclo de ascensão, auge e queda também se manifesta no reino animal, evidenciando organizações sociais complexas, hierarquias rígidas e disputas por recursos, territórios e liderança. Essas dinâmicas, impulsionadas pela busca de sobrevivência e reprodução, refletem forças semelhantes às que moldam as sociedades humanas, como competição, poder e controle. As colônias de formigas, por exemplo, destacam-se por sua organização cooperativa, liderada por uma rainha e sustentada por operárias que protegem a colônia e buscam recursos. Contudo, disputas por território ou alimento frequentemente resultam em guerras entre colônias, que podem culminar na destruição completa de uma e na absorção de seus recursos pela vencedora. Hölldobler e Wilson (1990, p. 283) observam que esses conflitos demonstram como o ciclo de competição pode levar ao colapso de uma estrutura social, mesmo em organismos altamente organizados. Além disso, dentro das próprias colônias, disputas internas podem ocorrer durante períodos de transição, quando novas rainhas competem pelo controle.

Entre os chimpanzés, essas dinâmicas são igualmente notáveis, com grupos estruturados em hierarquias onde o macho alfa lidera, controla recursos e resolve conflitos. No entanto, sua posição é constantemente desafiada por outros machos que formam alianças estratégicas para disputar o poder. De Waal (2007, p. 89) ressalta que essas rivalidades por liderança frequentemente resultam em períodos de instabilidade até o estabelecimento de um novo líder. Disputas por comida ou parceiros reprodutivos também

geram agressões dentro dos grupos, reforçando a centralidade do poder e do controle nas dinâmicas sociais desses primatas. Situações semelhantes ocorrem entre lobos, que vivem em matilhas lideradas por um casal alfa responsável pela reprodução e pelo acesso aos recursos. Quando jovens lobos amadurecem, podem desafiar a liderança, resultando em confrontos que, segundo Mech (1999, p. 24), ocasionalmente desestabilizam a coesão do grupo. Já entre os leões, as disputas por território e liderança são marcadas por combates violentos entre machos de coalizões. Após derrotar os líderes dominantes de um pride, os novos líderes frequentemente praticam infanticídio para garantir a perpetuação de seus próprios genes, um ciclo que perpetua a instabilidade. Schaller (1972, p. 175) descreve como esses ciclos de conquistas e substituições são características inerentes à dinâmica social dos leões.

No mundo microscópico, os ciclos de ascensão e declínio tornam-se ainda mais evidentes. Bactérias competem intensamente por recursos até atingirem um ponto de saturação, momento em que a escassez de nutrientes e o acúmulo de resíduos tóxicos levam ao declínio populacional. Vírus como o SARS-CoV-2, causador da pandemia de COVID-19, exemplificam ciclos de expansão e retração, adaptando-se por meio de mutações que permitem escapar do sistema imunológico e superar barreiras como vacinas, mas enfrentando limitações quando os hospedeiros se tornam imunes. Zimmer (2021, p. 219) destaca que os vírus estão presos em ciclos constantes de adaptação e extinção, demonstrando como a própria eficiência em se replicar frequentemente leva ao colapso de surtos. Assim, o reino animal, em seus diversos níveis, reflete os padrões universais de ascensão, auge e queda, evidenciando que essas leis não se limitam às sociedades humanas, mas são parte intrínseca da dinâmica da natureza.

UNIVERSO

Assim como nas civilizações humanas e no reino animal, o universo também segue o ciclo universal de ascensão, auge e queda. Galáxias colidem, estrelas colapsam, e sistemas planetários passam por transformações dramáticas. Esses eventos, embora muitas vezes violentos, são essenciais para a criação e renovação de novas estruturas. Colisões galácticas, como a prevista fusão entre a Via Láctea e Andrômeda, comprimem nuvens de gás, promovendo o nascimento de novas estrelas e distribuindo elementos que alimentam a formação de sistemas planetários. Segundo Tyson e Goldsmith (2004, p. 213), "as colisões galácticas não destroem as estrelas existentes, mas promovem a formação de novas, renovando o ciclo de nascimento estelar e expandindo a diversidade cósmica".

Estrelas massivas, ao colapsarem, geram supernovas, buracos negros ou estrelas de nêutrons, espalhando elementos pesados como ferro e ouro, essenciais para a vida em planetas rochosos. Esses eventos catastróficos não representam apenas o fim de uma estrela, mas o início de

novas formas de matéria e energia. Carroll (2016, p. 179) explica que "o colapso estelar é um exemplo de como a destruição cósmica pode criar as condições para novos sistemas e estruturas". Além disso, impactos massivos, como o que formou a Lua da Terra, estabilizam sistemas planetários e protegem contra ameaças externas, como asteroides. Canup e Asphaug (2001, p. 801) destacam que "a formação da Lua estabilizou a inclinação axial da Terra, criando as condições para um clima mais estável e permitindo a evolução da vida".

O ciclo cósmico demonstra que o universo inteiro segue o fluxo de construção, estabilidade e transformação. Assim como no colapso de uma estrela ou na colisão de galáxias, cada evento de destruição gera as bases para novas criações. O cosmos, em constante movimento, evidencia que a renovação é a única constante. Cada queda representa um renascimento, mostrando que a transformação não é o fim, mas parte de um fluxo eterno que garante a continuidade do universo, respeitando o ciclo da vida, o ciclo que vamos entender melhor agora.

COMO TUDO ISSO FUNCIONA?

Para entender o processo de transformação universal, é necessário compreender que ele é impulsionado pelo "ego". Cada indivíduo vive experiências únicas e possui uma visão de mundo subjetiva, moldada ao longo de sua trajetória de vida. Nesse percurso, o ego vai se solidificando, consolidando convicções e crenças baseadas em suas vivências. Inicialmente, o ego é frágil, desprovido de base sólida para enfrentar outros egos. No entanto, à medida que a pessoa acumula experiências e fortalece sua percepção de si mesma, o ego se torna mais firme, moldando ações e interações. Esse processo de solidificação do ego é o motor que impulsiona o ciclo universal.

Esse ciclo se inicia com um **ego fragilizado**, evolui à medida que o indivíduo constrói suas convicções e alcança seu ápice com o confronto entre **egos solidificados**, gerando conflitos que levam ao declínio. Esse padrão demonstra a universalidade do ciclo de ascensão, auge e queda, sempre seguido por um recomeço. Assim, o ego, como força central, é o elemento que perpetua esse fluxo.

Nos animais, o ego pode ser entendido como a **busca instintiva por sobrevivência e controle**. Desde a luta por liderança em matilhas de lobos, onde o alfa consolida seu poder para garantir acesso a recursos e reprodução, até o comportamento político dos chimpanzés, que formam alianças estratégicas para manter o domínio, o ego manifesta-se como a consolidação de poder e posse. Sapolsky (2017, p. 412) explica que "as dinâmicas sociais entre primatas são impulsionadas por uma necessidade básica de sobrevivência e controle, que não apenas garantem acesso a recursos, mas também moldam relações complexas dentro do grupo". Essa busca constante por controle é essencial para a sobrevivência, mas também gera conflitos internos que frequentemente resultam em rupturas,

demonstrando que o ego é, ao mesmo tempo, a força que constrói e desestabiliza sistemas.

No ser humano, o ego é ainda mais complexo, pois é influenciado tanto por instintos quanto pela consciência. Estudos em neurociência sugerem que as decisões humanas frequentemente não são conscientes, mas ditadas por impulsos programados para garantir a sobrevivência. Eagleman (2011, p. 96) afirma: "o cérebro é um sistema que prioriza a sobrevivência acima de tudo, programando respostas automáticas e relegando a consciência ao papel de observadora". Essa dinâmica evidencia que o ego é 'fisiológico', moldando nossas ações de forma instintiva antes mesmo de termos consciência delas.

O ego, é uma força universal que impulsiona ciclos de transformação, reafirmando que o universo inteiro opera sob as mesmas leis de ascensão, auge e queda e a posteriori, o recomeço do ciclo. Vamos compreender como o ser humano solidifica seu ego ao longo da vida, seguindo um fluxo em forma de funil, que em seu ápice, reverbera toda a tese aqui embasada.

EGO FRAGILIZADO E AS NECESSIDADES FISIOLÓGICAS

Esse é o primeiro degrau do funil e é aqui que o ser se encontra em uma situação de vulnerabilidade extrema, com seu Ego fragilizado, com inseguranças, incertezas, medos, incapacidade, e sem recursos. Tudo isso gera um desespero que vai fazê-lo (organismo) se mover em busca de suprir todas essas necessidades e sobreviver, pois se não fizer isso ele morre.

BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA

Após superar o conflito inicial, o ser inicia a busca por sobrevivência, direcionando-se à obtenção de recursos, relacionando-se com o meio e buscando conexões que facilitem essa busca. A partir desse ponto, o ser se fixa em um território, buscando segurança e integridade física enquanto assegura seus recursos presentes e futuros.

COMPREENSÃO E QUESTIONAMENTO

Depois de ir atrás dos recursos, um momento de questionamento surge no interior do ser, onde ele analisa se tudo o que tem é suficiente e se pode melhorar o que já possui, muitas vezes comparando com o que o outro possui, e por isso começa a estudar possibilidades e criar hipóteses para posteriormente executá-las. Estudos demonstram que corvos não apenas acumulam alimentos, mas também analisam os recursos ao seu redor e se comparam com outros membros do grupo. Segundo Heinrich (2007, p. 143), "os corvos são capazes de observar onde outros indivíduos escondem seus alimentos, para posteriormente decidir se devem proteger melhor seus próprios recursos ou explorar os de outros".

SOLUÇÕES

A partir daqui, começamos a analisar mais os humanos e não mais os animais não racionais. Os seres humanos avançam através da transformação de conhecimento em ação, criando estratégias complexas para consolidar seu domínio. Quando se chega nessa etapa, o ser já possui conhecimento e com esse conhecimento, ele já é capaz de criar soluções para resolver suas hipóteses, o que não significa que ele vai realizar todos os seus planos, mas que ele é capaz de analisar e desenvolver uma ideia.

Isso permite com que ele expanda suas fronteiras, aumente seus recursos, obtendo maior controle sobre suas posses e território, além de que é nessa fase que começa um nível de seleção maior, onde o ser busca estratégias para preservar e ampliar suas conquistas. Essa é uma área crítica do funil, onde muitas pessoas permanecem apenas no campo das ideias e falham em executá-las. Para avançar, é necessário transformar essas ideias em ações concretas que impactem a realidade.

Com as ideias transformadas em ações concretas, o ser avança para a etapa de concretização, onde a capacidade de realização começa a impactar não só a si mesmo, mas também os outros.

CONCRETIZAÇÃO

Esse é o momento em que a capacidade de imaginar e realizar são concretizados, há um alinhamento perfeito em pensar e executar, e o fruto dessa execução é que esses produtos, oriundos da ideia do ser, já são considerados soluções para muitas pessoas, e não só para ele. Nesse momento, ele começa a criar uma rede dependente, onde pessoas dependem do seu produto. Para produzir esse produto ele também precisa de pessoas que o ajudem e essas pessoas são ajudadas também, em forma de trabalho que gera salário e aumento de recursos, criando outra rede dependente. Além disso, vai fazer com que o status comece a ser gerado baseado na tecnologia, que na etimologia de origem grega é formada por duas palavras, *tekhne* (Significa arte, ofício, técnica ou habilidade) e *logos* (Significa razão, argumento, discussão ou conjunto de saberes), que é o produto de sua idealização concreta, uma idealização que muitas vezes parece impossível, mas que é efetivada nessa fase.

RELEVÂNCIA

Com todo status da etapa anterior desenvolvido, uma relevância maior é inevitável e vai acontecer, e toda essa visibilidade que vai ser gerada, terá uma repercussão e essa repercussão amplia o poder do indivíduo, fornecendo recursos em escala inimaginável e logo, conforto em um nível a qual tudo que a pessoa almeja ela vai conseguir e isso é notado não só pela pessoa que está vivendo essa fase, mas por todos a sua volta.

Nessa fase, a influência do indivíduo transcende seu ambiente direto, consolidando-se em redes sociais, econômicas ou políticas, o que amplia exponencialmente seu poder e visibilidade. Com a relevância em

evidência, avançar para a próxima fase torna-se fácil e rápido. Nesse momento, alcançamos o que é denominado 'sucesso'.

SUCESSO

O sucesso vem da soma de todos os fatores mencionados anteriormente, com um controle total, onde as atitudes, palavras, e comportamento do sujeito vão influenciar milhares e milhares de pessoas, fazendo com que a pessoa obtenha mais poder sobre o ambiente a sua volta, e vemos isso claramente com políticos que ganham notoriedade e dominam a mente das pessoas. Esse controle não é só total, mas pessoal também, já que nessa fase da vida, ele possui todos os recursos necessários para sobreviver com menos preocupações externas.

EGO SOLIDIFICADO

É aqui que a pessoa obtém o seu ego solidificado, onde toda a sua experiência, todas as suas conquistas, suas conexões, suas responsabilidades e poder tomam conta do ser, e dificilmente ele vai abrir mão das suas convicções por ideias que são contrárias a toda crença única e subjetiva que foi criada em todo esse caminho, e quando isso acontece, quando seu ego é desafiado, entramos para a zona final do funil.

O ego solidificado representa o ápice do ciclo, mas é também o prenúncio de sua queda, pois sua resistência a ideias contrárias intensifica os conflitos inevitáveis que foram demonstrados ao longo deste artigo.

ZONA DE CONFLITO

Essa zona de conflito acontece quando o Ego é deturpado, quando alguém vem totalmente contrário aquilo que você acredita e que acha correto, fazendo com que haja conflitos, corrupção, abalo emocional, comportamento agressivo e totalitário, gerando os conflitos nos quais foram demonstrados diversos exemplos ao longo desse denso artigo.

O conflito não está limitado ao topo do funil, mas pode acontecer ao longo do caminho, pois ele vai existir a partir do momento em que você começa a refletir, ter compreensão e questionar, já que nessa parte você está literalmente analisando a vida de uma perspectiva diferente que pode muitas vezes ir contrário a ideologia ou subjetividade do outro, o que vai gerar conflitos. O ego vai se solidificando a cada fase e se tornando cada vez mais irreversível, rígido, resistente e impenetrável, dificultando diálogos divergentes do que a pessoa acredita ser o correto, levando a um choque de perspectivas diferentes, desencadeando conflitos internos e externos que desestabilizam não só a vida da pessoa, mas pode influenciar diretamente no mundo. O ego, ao se solidificar em convicções rígidas, tende a gerar intolerância e comportamentos agressivos. Albert Bandura, em seus estudos sobre a agressividade, destaca que "comportamentos agressivos são frequentemente resultado de frustrações ou ameaças ao autoconceito, uma tentativa de reafirmar controle e identidade" (Bandura, 1973, p. 105). Nessa

fase, conflitos gigantescos podem ocorrer pois envolvem pessoas com muito poder, fazendo com que os estragos sejam catastróficos, como podemos ver em toda a história da humanidade e suas consequências tendem a ficar cada vez mais críticas, pois a tecnologia avança e se torna herança para novos poderes. Depois desse conflito e toda a catástrofe eminente, há uma restauração, um recomeço, onde a população junta os 'cacos' do caos e se unem em prol do bem maior. Podemos ver nessas fases uma união acentuada das pessoas para solucionar os problemas, caracterizando o recomeço. Nesse processo, pessoas começam a avançar no funil, começando tudo de novo. A Figura 1 sintetiza o processo descrito, apresentando de forma visual as etapas do funil que estruturam a solidificação do ego, conectando a teoria à prática.

Figura 1 – Etapas do Funil de Solidificação do Ego



Fonte: Elaboração própria (2024)

É importante observar que, como os "egos" estão em processo de construção, são facilmente manipulados por outros, pois ainda não possuem controle ou uma base sólida de convicções para resistir a influências externas. Esse fenômeno é especialmente visível em seres humanos durante fases iniciais do desenvolvimento, como a infância e a adolescência, quando a busca por aceitação e pertencimento é predominante. Segundo Vygotsky (1978, p. 88), "o desenvolvimento do indivíduo é mediado pelas interações sociais e pelo ambiente cultural ao qual ele está inserido". Ou seja, durante esse processo, o ego ainda é moldável, absorvendo ideologias, valores e comportamentos que não necessariamente refletem uma identidade consolidada. Essa vulnerabilidade permite que o ego seja facilmente

manipulado, servindo como base para influências externas que podem retardar ou desviar a construção de um ego sólido e independente.

TODAS AS PESSOAS CHEGAM NO TOPO?

Não são todas as pessoas que vão chegar no topo, pois algumas se sentem confortáveis em alguma etapa desse funil, não fazendo sentido pra ela buscar subir um degrau. Podemos chamar essa atitude de comodidade ou zona de conforto, porém isso não quer dizer que ela não influencie o funil. Pelo contrário, como veremos adiante, elas atuam como impulsionadoras para aqueles que buscam avançar, criando um fluxograma do funil que são divididos em 3 categorias, que vamos entender no próximo tópico.

FLUXOGRAMA DO FUNIL

Para entender o fluxograma do funil precisamos dividir as pessoas em 3 categorias que serão as linhas azul, vermelha e laranja.

LINHAS VERMELHAS

As linhas vermelhas são as pessoas que não chegaram ao topo e não se trata de classe social (pobre, rico, classe média), apenas pessoas que em algum momento da sua vida se viram em uma zona de conforto e gostaram daquela posição e não tinham o porquê de sair de lá. O que define essa categoria não é a condição econômica, mas a decisão de se acomodar em uma posição que consideram suficiente.

Por exemplo, uma pessoa com um emprego estável, que garante suas necessidades básicas, pode se sentir confortável e não ver motivos para arriscar algo diferente. Da mesma forma, alguém com alta renda pode decidir que já tem o suficiente e não buscar expandir seus recursos ou influências. Embora não avancem no funil, essas pessoas não são irrelevantes – pelo contrário, elas influenciam o ciclo. Podemos observar isso na Figura 2, onde os vermelhos formam o centro do fluxograma, sendo os principais responsáveis pelo fluxograma.

LINHAS LARANJAS

Os indivíduos das linhas laranjas são aqueles cujo crescimento é acompanhado de perto pela sociedade, estando no campo de visão de pessoas na zona de conforto. Esses indivíduos, como digitais influencers, são impulsionados pela exposição pública de ideias ou atitudes que entretêm e atraem seguidores. Exemplos recentes incluem uma influencer que viralizou ao negar seu assento a uma criança no avião, o que resultou em mais de 2 milhões de seguidores e parcerias comerciais, em contraste com criadores como "Ciência Todo Dia", que constroem relevância por meio de conteúdos consistentes ao longo dos anos.

Essas pessoas ascendem ao topo com apoio popular, solidificando seu ego e ganhando relevância, poder e controle. São impulsionadas pelas

linhas vermelhas e azuis, que fortalecem seu domínio, especialmente quando seus interesses se alinham com pautas da zona de conflito. Esse alinhamento amplia sua capacidade de influência e assegura respeito de pelo menos uma parcela da população. Visualmente, as linhas laranjas crescem ao lado das vermelhas, indicando como o reconhecimento social é um fator essencial para seu avanço, ainda que continuem próximas à zona de conforto.

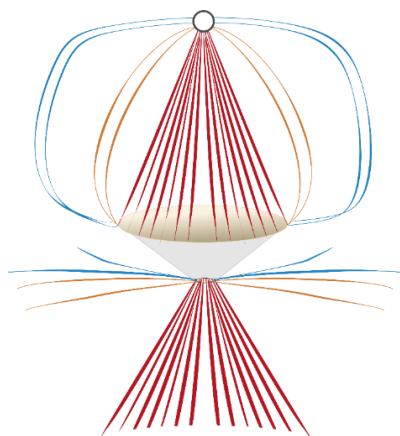
LINHAS AZUIS

As linhas azuis representam indivíduos que atingem o topo sem influência midiática, traçando caminhos isolados e frequentemente enfrentando críticas e desprezo. Essas pessoas dedicam anos aos estudos e inovações, superando fracassos e sobem até alcançarem o sucesso. Exemplos históricos ilustram essa trajetória: Albert Einstein, inicialmente ignorado, revolucionou a física com sua Teoria da Relatividade (Isaacson, 2007); Thomas Edison falhou inúmeras vezes antes de aperfeiçoar a lâmpada elétrica, afirmando que "não falhou, apenas encontrou 10.000 maneiras que não funcionam" (Edison apud Baldwin, 2001, p. 112); e Nikola Tesla, responsável pelo sistema de corrente alternada, foi incompreendido e teve suas invenções apropriadas.

Figuras contemporâneas como Steve Jobs e Elon Musk também ilustram as linhas azuis. Jobs, com inovações como o iPhone e o Mac, revolucionou a tecnologia, mas enfrentou críticas por sua liderança exigente. Musk, por sua vez, com a Tesla e a SpaceX, é visto como visionário e controverso, acusado de ambição desmedida. Apesar das rejeições e críticas sociais, suas contribuições moldam o futuro, resolvendo problemas como energia sustentável e avanços tecnológicos.

Esses indivíduos enfrentam rejeição e acusações ideológicas, sendo frequentemente incompreendidos, ou muitas vezes são persuadidos por líderes que possuem um ideal semelhante ao dele. No entanto, suas criações transformadoras impactam o cotidiano global, mostrando que as linhas azuis simbolizam isolamento inicial e subsequente reconhecimento por moldar o mundo de forma significativa.

Figura 2 – Fluxograma do funil



Fonte: autoria própria (2024)

EXISTE UMA MANEIRA DE PARAR O FUNIL?

O Funil é inevitável e representa o ciclo constante de ascensão, auge e queda, influenciado por circunstâncias internas e externas. Apesar de avanços ou retrocessos provocados por fatores como desastres naturais, crises econômicas ou doenças, o ciclo permanece constante, obrigando o ser humano a se ajustar às etapas, sem nunca escapar delas. O ambiente pode acelerar o progresso ou criar obstáculos, forçando recomeços e tornando o progresso mais desafiador. Um exemplo claro é o impacto de eventos inesperados, como uma grave doença que leva uma pessoa rica a focar em sobrevivência ou um desastre que arrasa o patrimônio de alguém na classe média, alterando drasticamente seu curso no funil.

Alguns indivíduos, como Trump, Putin, Hitler, Lula e outros, alcançam o topo, moldando profundamente seu ambiente. Pierre Bourdieu destaca que “o capital cultural e social” é determinante para o progresso nos sistemas hierárquicos, mostrando que talento e esforço não são os únicos vetores de sucesso (Bourdieu, 1986, p. 248). Além disso, músicos, artistas e cientistas se tornam protagonistas em suas áreas, obedecendo às etapas do funil e impactando milhões.

O ciclo é inevitável porque conflitos por espaço, poder e ideais são naturais à humanidade, ou seja, queremos manter o que conquistamos e guardar o máximo de energia. Como Leonard Mlodinow aponta, “os impulsos inconscientes moldam nosso comportamento, dificultando a ruptura com padrões estáveis que garantem sobrevivência” (Mlodinow, 2012, p. 56). Esses padrões, reforçados pelo cérebro em busca de recompensas, perpetuam estruturas que solidificam conflitos e comportamento competitivo.

Segundo Sapolsky, "os circuitos neurais que buscam recompensa e domínio criam padrões competitivos que levam a conflitos" (Sapolsky, 2017, p. 152), evidenciando como o ciclo está profundamente enraizado no comportamento humano individual e coletivo.

CONHECER O CICLO: A CHAVE PARA A CONSCIÊNCIA

Reconhecer em que etapa do funil se encontra é essencial para desenvolver a consciência do ciclo. Isso permite identificar padrões de comportamento, compreender estagnações e melhorar a interação com o ambiente. Essa percepção aprimora a comunicação, a presença e a capacidade de prever ações e reações, reduzindo conflitos e discussões desnecessárias.

Incorporar o entendimento do ciclo no ensino básico e superior prepara indivíduos para os desafios da vida e promove cidadãos mais conscientes e adaptáveis. Quanto mais cedo compreendermos o mundo, mais ferramentas teremos para enfrentá-lo. A educação, nesse contexto, não é apenas uma estratégia, mas um alicerce para a prosperidade, pois, mesmo que o ciclo não possa ser interrompido, ele pode ser compreendido e utilizado a nosso favor.

Entender o impacto do ego e da busca por poder na perpetuação do ciclo faz com que o ser tenha um olhar introspectivo refinado, aprimorando o autoconhecimento e ajudando a controlar melhor os impulsos emocionais. Quanto maior nossa consciência emocional, maiores as chances de exercermos o verdadeiro livre-arbítrio. Sem isso, permanecemos à mercê do nosso cérebro, acreditando ter controle enquanto somos guiados por impulsos fisiológicos.

É importante reconhecer que o ciclo não é "bom" ou "ruim", mas um fenômeno natural. Respeitar o universo e como a vida se organiza é um exercício de se olhar no espelho e reconhecer a própria imagem, não aquela moldada pela emoção, ou pelas circunstâncias momentâneas. Diante desse cenário, a educação emerge como a ferramenta mais poderosa para transformar a realidade. Uma educação efetiva deve ir além do ensino tradicional, que muitas vezes se limita a repetir teorias passadas, formando indivíduos mais aptos a reproduzir o que já existe do que a criar algo novo. Um ensino que se prende ao "mais do mesmo" falha em fomentar o pensamento crítico, a inovação e a capacidade de propor soluções para os problemas contemporâneos. Para romper esse ciclo, é necessário um modelo educacional que não apenas ensine o que já foi descoberto, mas que inspire os alunos a imaginar e construir um futuro melhor. Afinal, o progresso não se constrói apenas com conhecimento acumulado, mas com a coragem de criar o que ainda não existe.

CONCLUSÃO

Este estudo examinou a inevitabilidade do ciclo da vida, estruturado pelas etapas sociais e psicológicas que afetam o desenvolvimento dos indivíduos. Foi evidenciado que o ambiente, as dinâmicas sociais e os impulsos internos desempenham papéis fundamentais nesse processo. A compreensão desse ciclo permite uma maior conscientização sobre comportamentos e interações humanas. Além disso, foi destacada a importância de reconhecer como o ego e a busca por poder influenciam na manutenção de estruturas que promovem progresso ou estagnação, seguindo a ideia de ascensão, auge, queda e recomeço.

Este artigo contribui para a compreensão das forças que orientam o comportamento humano, ao integrar elementos psicológicos, socioculturais e neurocientíficos na explicação do ciclo inevitável. Ao apresentar uma estrutura clara e associá-la às linhas vermelha, laranja e azul, o estudo oferece uma nova perspectiva para analisar o impacto das interações humanas e os fatores que determinam sucesso, estagnação ou regressão. Compreender o ciclo e suas etapas permite identificar padrões de comportamento e desenvolver estratégias para enfrentar os desafios da vida. Implementar modelos educacionais que abordem esses conceitos desde cedo é altamente recomendado, pois a educação se destaca como a principal ferramenta para preparar indivíduos para lidar com esse processo. Promover autoconhecimento, inteligência emocional e pensamento crítico nas instituições de ensino é crucial para formar pessoas mais adaptáveis e resilientes.

Embora este artigo tenha explorado amplamente os mecanismos do ciclo e suas implicações, pesquisas futuras podem se aprofundar nos fatores que influenciam a transição entre as etapas do funil, com atenção especial aos impactos de eventos externos. Estudos adicionais poderiam examinar a aplicabilidade desses conceitos em variados contextos culturais e econômicos, analisando como variáveis regionais e sociais podem afetar o avanço no ciclo. Além disso, seria valioso investigar intervenções práticas que ajudem indivíduos a superar barreiras ao longo de sua jornada, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MASLOW, A. H. **A theory of human motivation**. Psychological Review, v. 50, n. 4, p. 370-396, 1943.

PIAGET, J. **To understand is to invent: the future of education**. New York: Grossman Publishers, 1972.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978, p. 88.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 112.

DARWIN, C. **On the origin of species**. London: John Murray, 1859, p. 490.

EVANS, R. J. **The third Reich at war**. New York: Penguin Press, 2008.

GIBBON, E. **The decline and fall of the Roman Empire**. New York: Modern Library, 2000.

HARRISON, R. K. **Introduction to the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 145, p. 312.

KERSHAW, I. **Hitler: 1889-1936: hubris**. London: Penguin Books, 1999, p. 315, p. 412.

MARTIN, S.; GRUBE, N. **Chronicle of the Maya kings and queens**. London: Thames & Hudson, 2008.

DEMAREST, A. **Ancient Maya: the rise and fall of a rainforest civilization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 38, p. 209, p. 235.

GENDROP, P. **A civilização maia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 45, p. 88, p. 120.

RESTALL, M.; SOLARI, A. **The Maya: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 30, p. 45, p. 89, p. 102.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 1981, p. 174, p. 209, p. 243.

GENTRY, P. J. **Kingdom through covenant: a biblical-theological understanding of the covenants**. Wheaton: Crossway, 2003, p. 212.

BEARD, M. **SPQR: a history of ancient Rome**. New York: Liveright Publishing, 2015, p. 112, p. 245, p. 273, p. 326, p. 342.

POLÍBIO. **Histórias**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, Livro VI.

WARD, A. M. **A history of the Roman people**. New Jersey: Pearson, 2007, p. 59, p. 122, p. 278.

SUETÔNIO. **Vida dos doze césores**. Londres: Penguin Classics, 2007, p. 112.

EVANS, R. J. **The coming of the Third Reich**. London: Penguin Books, 2005, p. 178, p. 293, p. 342.

HITLER, A. **Mein Kampf**. Boston: Houghton Mifflin, 1925, p. 234.

SHIRER, W. L. **The rise and fall of the Third Reich**. New York: Simon & Schuster, 1960, p. 451, p. 823.

DE WAAL, F. **Chimpanzee politics: power and sex among apes**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007, p. 89.

HÖLLDOBLER, B.; WILSON, E. O. **The ants**. Cambridge: Harvard University Press, 1990, p. 283.

MECH, L. D. **The wolf: the ecology and behavior of an endangered species**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, p. 24.

SCHALLER, G. B. **The Serengeti lion: a study of predator-prey relations**. Chicago: University of Chicago Press, 1972, p. 175.

ZIMMER, C. **A planet of viruses**. Chicago: University of Chicago Press, 2021, p. 219.

CANUP, R. M.; ASPHAUG, E. **Origin of the Moon in a giant impact near the end of the Earth's formation**. Nature, v. 412, n. 6848, p. 708–712, 2001.

CARROLL, S. **The big picture: on the origins of life, meaning, and the universe itself**. New York: Dutton, 2016, p. 179.

TYSON, N. deGrasse; GOLDSMITH, D. **Origins: fourteen billion years of cosmic evolution**. New York: W. W. Norton & Company, 2004, p. 213.

EAGLEMAN, D. **Incognito: the secret lives of the brain**. New York: Pantheon Books, 2011, p. 96.

SAPOLSKY, R. M. **Behave: the biology of humans at our best and worst**. New York: Penguin Press, 2017, p. 152.

HEINRICH, B. **Mind of the raven: investigations and adventures with wolf-birds**. New York: HarperCollins, 2007, p. 143.

BANDURA, A. **Aggression: a social learning analysis**. New Jersey: Prentice-Hall, 1973, p. 105.

BALDWIN, N. **Edison: inventing the century**. New York: Hyperion, 2001, p. 112.

ISAACSON, W. **Einstein: his life and universe**. New York: Simon & Schuster, 2007.

SCHOPENHAUER, A. **Parerga and paralipomena**. London: Routledge, 1851.

BOURDIEU, P. **The forms of capital**. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1986, p. 241-258.

MLODINOW, L. **Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas**. São Paulo: Zahar, 2012, p. 56.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. New York: Knopf, 1971, p. 88.

GALLAGHER, Tom. **Russia and Ukraine: the Unfolding Conflict**. Foreign Affairs, v. 101, n. 2, p. 34-46, 2022.

APPLEBAUM, Anne. **The War in Ukraine and the Decline of Democracy**. The Atlantic, v. 12, n. 3, p. 23-29, 2022

MENON, Rajan; RUMER, Eugene. **Conflict in Ukraine: The Unwinding of the Post–Cold War Order**. Cambridge: MIT Press, 2015.

ZAKARIA, Fareed. **Putin’s War and Its Global Impact**. The Washington Post, 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BBC. **Ukraine War: Key Developments and Outcomes**. BBC News, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/ukraine>. Acesso em: 21 dez. 2024.

CAPÍTULO 3

IMPACTO DO ESTILO DE VIDA NOS FATORES DE RISCO CARDIOVASCULAR EM ADULTOS JOVENS

**José Vitelio Ruiz Rivero
Thalita Juarez Gomes
Fernanda Parini Nunes
Laura Leme de Araujo Rodrigues da Silva
Larissa Modesto Miranda**

As doenças cardiovasculares (DCV) são a principal causa de morte em todo o mundo, e sua prevalência tem aumentado em adultos jovens (menores de 40 anos) nas últimas décadas (Roth et al., 2020). Tradicionalmente associadas ao envelhecimento, as DCV estão cada vez mais relacionadas a fatores de risco modificáveis presentes no estilo de vida, como dieta inadequada, sedentarismo, tabagismo e consumo excessivo de álcool (Malhotra et al., 2017).

A identificação e modificação desses fatores em adultos jovens são cruciais para a prevenção primária e a redução da carga global das DCV. A aterosclerose, processo inflamatório crônico que leva à formação de placas nas artérias, pode se iniciar na juventude e progredir silenciosamente ao longo da vida (Raffi et al., 2018). Fatores de risco como hipertensão arterial, dislipidemia (alterações nos níveis de colesterol e triglicerídeos), obesidade e diabetes mellitus tipo 2 (DM2), frequentemente decorrentes de hábitos de vida não saudáveis, aceleram esse processo e aumentam o risco de eventos cardiovasculares precoces, como infarto agudo do miocárdio (IAM) e acidente vascular cerebral (AVC) (Yusuf et al., 2020).

Esta revisão integrativa da literatura teve como objetivo sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre o impacto do estilo de vida nos fatores de risco cardiovascular em adultos jovens. A busca de artigos foi realizada nas bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science, utilizando os seguintes termos de busca: "doença cardiovascular", "adultos jovens", "fatores de risco", "estilo de vida", "dieta", "exercício físico", "tabagismo", "álcool" e suas combinações.

O estilo de vida exerce um impacto significativo nos fatores de risco cardiovascular em adultos jovens, contribuindo para o aumento da prevalência de DCV nessa faixa etária. A adoção de hábitos saudáveis, como dieta equilibrada, prática regular de atividade física, cessação do tabagismo e moderação no consumo de álcool, é fundamental para a prevenção primária e a redução do risco cardiovascular em adultos jovens.

Estratégias de saúde pública que promovam a conscientização sobre os riscos do estilo de vida não saudável e incentivem a adoção de comportamentos preventivos são essenciais para reverter a tendência de aumento das DCV em adultos jovens e melhorar a saúde cardiovascular da população em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo de Vida. Fatores de Risco Cardiovascular. Adultos.

REFERÊNCIAS

Ambrose, J. A., & Barua, R. S. (2004). The pathophysiology of cigarette smoking and cardiovascular disease: an update. ***Journal of the American College of Cardiology**, 43*(10), 1731-1737.

Anderson, T. J., et al. (2019). 2018 Canadian Cardiovascular Society/Canadian guidelines for management of dyslipidemia for the prevention of cardiovascular disease in adults. ***Canadian Journal of Cardiology**, 35*(8), 1114-1129.

Booth, F. W., Roberts, C. K., & Laye, M. J. (2017). Lack of exercise is a major cause of chronic diseases. ***Comprehensive Physiology**, 2*(2), 1143-1211.

Cahill, K., et al. (2013). Pharmacological interventions for smoking cessation: an overview and network meta-analysis. ***Cochrane Database of Systematic Reviews**, 5*(5), CD009329.

Malhotra, R., et al. (2017). Lifestyle risk factors and cardiovascular disease: current role and future directions. ***Expert Review of Cardiovascular Therapy**, 15*(2), 117-126.

CAPÍTULO 4

APLICAÇÃO SUBCUTÂNEA DE ÁCIDO HIALURÔNICO PARA AUMENTO DE ESPESSURA PENIANA – RELATO DE CASO

**João Rodrigues Cordeiro Marques
Octavio Luiz Castilho de Araújo
Guilherme Solano de Melo Pinho
Fernanda Freitas Maia
Samuel Alves Carlos de Medeiros
Ivaí pinheiro da Silva
Renata Oliveira Marques Bomfim
Noélia Josefina Meaurio Pintos
Anderson Soares de Souza
Francisco Juscelino de Vasconcelos Monteiro**

Universidad Central del Paraguay- Ciudad del Este 2025

INTRODUÇÃO

A autoestima masculina, especialmente em relação ao pênis, é um tema que tem sido explorado em diversas pesquisas, revelando a complexidade das percepções e inseguranças dos homens sobre essa parte íntima de seu corpo. Em 2008, Robinson T (1) analisou como o pênis é visto na sociedade, destacando que, embora seja uma parte íntima e significativa, permanece frequentemente escondido e associado a dúvidas e inseguranças. A pesquisa ressalta que o pênis carrega significados sociais de virilidade e masculinidade, com a percepção de tamanho influenciada por comparações sociais, especialmente entre adolescentes Christopher Robinson T(1). Essa insegurança é exacerbada por representações na pornografia, onde tamanhos acima da média são frequentemente idealizados.

Em 2014, Schuster E (2) conduziu um estudo focado na autoimagem corporal de homens jovens, especificamente militares, e como a percepção do tamanho do pênis se relaciona com a imagem corporal e a competência sexual. Os resultados indicaram que a insatisfação com o tamanho do pênis pode afetar negativamente a autoestima e a percepção de masculinidade Schuster E(2). A pesquisa sugere que a comparação de tamanhos pode levar a comportamentos de busca por cirurgia estética, refletindo a pressão social que os homens sentem para atender a padrões de masculinidade.

(3) Lee J em 2017 expandiu essa discussão ao considerar fatores que influenciam a auto-estima masculina, como diferenças de gênero e

raciais. A insatisfação com a aparência física, incluindo a do pênis, é apresentada como uma ameaça ao auto-conceito e à auto-estima, com a comparação social desempenhando um papel crucial na percepção de insatisfação corporal entre os homens.

Mais recentemente, K. Chambers S em 2017(4) revisaram as experiências de homens após o tratamento do câncer de próstata, revelando que a disfunção erétil é frequentemente percebida como uma perda da masculinidade, resultando em ansiedade e questionamentos sobre o valor próprio. Os homens relataram temores de que a disfunção sexual afetaria suas relações, destacando como a saúde sexual está intimamente ligada à identidade masculina.

Por fim, K. McDonagh L(5) exploraram como dificuldades sexuais são percebidas como falhas de masculinidade. A pesquisa sugere que a ligação entre o desempenho sexual e a identidade masculina é profunda, e que a disfunção pode ser vista como uma ameaça à masculinidade. No entanto, também emergiram perspectivas alternativas sobre a masculinidade, especialmente entre homens gays, onde a flexibilidade nas relações pode desafiar normas tradicionais e permitir uma visão mais ampla da identidade masculina.

Esses estudos coletivamente revelam que a auto-estima masculina em relação ao pênis é influenciada por uma variedade de fatores sociais, culturais e pessoais, evidenciando a necessidade de uma compreensão mais profunda das experiências e inseguranças masculinas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O artigo intitulado "The Sticking Out Parts: A Content Analysis of Print and Website Advertisements on Breast and Penis Augmentation", de Christopher Robinson T (1), oferece uma análise crítica das percepções culturais e sociais em torno da autoimagem masculina, particularmente em relação ao pênis. A pesquisa destaca que, embora os procedimentos de aumento peniano sejam frequentemente discutidos em termos médicos, a literatura geral revela que a augmentação peniana é um processo profundamente enraizado nas questões de corporeidade e identidade masculina.

Christopher Robinson T(1) argumenta que o pênis, enquanto parte íntima do corpo masculino, é frequentemente ocultado e associado a sentimentos de dúvida e insegurança. O autor identifica duas conotações primárias atribuídas ao pênis: a virilidade sexual e a masculinidade, que são reflexos sociais das expectativas sobre o tamanho e os significados culturais associados a esta parte do corpo. Essa dualidade entre a função do pênis em seu estado flácido e ereto gera um ciclo de insegurança entre os homens, exacerbado pela falta de comparações visuais em contextos sociais normais. Ao contrário das mulheres, que têm seus seios visíveis e frequentemente discutidos, os homens têm uma experiência mais restrita em termos de

visibilidade do pênis, o que contribui para a construção de uma imagem corporal distorcida.

Além disso, o autor menciona que a percepção comum nos Estados Unidos sobre o tamanho médio do pênis ereto de seis polegadas é, na verdade, uma concepção equivocada. Estudos citados por Christopher Robinson T (1), revelam que muitos homens superestimam o tamanho médio do pênis, levando a um aumento da ansiedade entre aqueles que se consideram de tamanho médio ou abaixo da média. Essa insegurança é particularmente acentuada durante a adolescência, quando comparações entre pares podem resultar em ridicularização e reforço de estigmas.

Christopher Robinson T(1) conclui que, dada a prevalência de inseguranças associadas ao tamanho do pênis, o aconselhamento psicológico pode ser uma ferramenta valiosa para homens que consideram o aumento peniano. A necessidade de desmistificar as percepções errôneas sobre o tamanho do pênis e promover uma imagem corporal mais saudável é, portanto, um aspecto crucial a ser abordado na discussão sobre a autoimagem masculina e os procedimentos de aumento.

O artigo "The Effects of Viewing Sexually Explicit Materials on Men's Body Image Satisfaction, Interest in Pursuing Cosmetic Surgery, and Body Change Behaviors", escrito por Schuster E(2), aborda a relação entre a autoimagem masculina, especificamente em relação ao tamanho do pênis, e a influência de materiais sexualmente explícitos. A pesquisa se concentra em jovens homens militares coreanos, um grupo que pode ser particularmente vulnerável a pressões sociais e expectativas em relação à masculinidade e à performance sexual.

Schuster E.(2) explora como a exposição a conteúdos sexualmente explícitos pode afetar a satisfação corporal dos homens, levando a uma percepção distorcida de suas características físicas, incluindo o tamanho do pênis. O estudo revela que muitos homens podem desenvolver uma autoimagem negativa em relação ao seu corpo, especialmente quando comparam suas características com as representações idealizadas frequentemente vistas em filmes e revistas. Essa comparação pode resultar em uma diminuição da autoestima e um aumento do interesse em cirurgias estéticas, refletindo um desejo de se adequar a padrões muitas vezes inatingíveis.

A pesquisa também examina a interconexão entre a imagem genital e a percepção de competência sexual. Os resultados sugerem que homens que se sentem insatisfeitos com o tamanho do pênis podem experimentar uma diminuição em sua autoconfiança e uma sensação de inadequação sexual. Essa insatisfação não apenas afeta a saúde mental e emocional dos indivíduos, mas também pode influenciar suas relações interpessoais e a maneira como se veem como parceiros sexuais.

Além disso, Schuster E.(2) discute os comportamentos de mudança corporal que podem surgir em resposta a essas insatisfações. Os homens podem buscar maneiras de alterar sua aparência física, seja através de

exercícios, dietas ou até mesmo procedimentos cirúrgicos, na tentativa de melhorar sua autoimagem e, por consequência, sua autoestima. Essa busca por mudanças pode ser vista como uma resposta à pressão social e às expectativas que cercam a masculinidade.

A análise da autoimagem e autoestima, conforme discutido por Lee J. (3), revela a complexidade dos fatores que influenciam a percepção corporal e a autovalorização em diferentes contextos. Embora o artigo se concentre principalmente nas mulheres e na relação entre a autoestima e a percepção do cabelo, suas implicações podem ser extrapoladas para a compreensão da autoestima masculina, especialmente no que diz respeito à percepção do corpo e, mais especificamente, do pênis.

Lee J.(3) argumenta que a insatisfação corporal é frequentemente alimentada por pressões socioculturais e pela comparação social, onde a incongruência entre a aparência desejada e a realidade pode levar a sentimentos de inadequação. Este conceito é relevante para os homens, que também enfrentam padrões de beleza e expectativas sociais que podem influenciar sua percepção sobre o tamanho e a forma do pênis. A pressão para corresponder a ideais masculinos pode resultar em uma autoimagem negativa, semelhante ao que Lee J. (3) descreve para as mulheres em relação ao cabelo.

Além disso, o artigo destaca que a insatisfação corporal tende a ser mais pronunciada entre mulheres, mas isso não significa que os homens estejam imunes a essas comparações e pressões. A ideia de que a autoestima masculina pode ser afetada por comparações sociais, como a comparação com outros homens, é um ponto crucial que merece atenção. A insatisfação pode surgir não apenas da comparação direta, mas também da internalização de normas sociais que valorizam determinadas características físicas masculinas.

O artigo "Erectile dysfunction, masculinity, and psychosocial outcomes: a review of the experiences of men after prostate cancer treatment", escrito por K. Chambers S(4), aborda de maneira abrangente os efeitos da disfunção erétil (DE) na masculinidade e nas consequências psicossociais enfrentadas por homens após o tratamento do câncer de próstata. A análise revela que muitos homens associam a DE a uma perda de masculinidade, o que gera uma série de reações emocionais, como ansiedade, depressão e embaraço. Essa percepção negativa pode levar os indivíduos a questionarem seu valor pessoal e criarem sentimentos de desespero, além do medo de serem estigmatizados socialmente.

Os autores destacam que a incapacidade de satisfazer sexualmente suas parceiras pode resultar em preocupações sobre a possibilidade de abandono por parte delas, o que intensifica a crise de identidade masculina. A análise qualitativa apresentada no artigo sugere que muitos homens tentam reestruturar cognitivamente suas experiências de disfunção sexual como uma forma de preservar sua identidade sexual e senso de masculinidade. Essa estratégia de enfrentamento é crucial, uma vez que a manutenção de valores

masculinos tradicionais está correlacionada com piores resultados sociais e de saúde mental, incluindo a depressão.

Por outro lado, o artigo também menciona que alguns estudos com homens mais velhos indicam que as mudanças na função sexual têm um impacto mínimo sobre a masculinidade. Isso sugere que a percepção da masculinidade pode variar entre diferentes faixas etárias e contextos de saúde, com alguns homens considerando a de como um fenômeno que afeta outros, em vez de si mesmos. Essa visão pode ser influenciada por experiências anteriores com disfunções sexuais, seja devido a doenças crônicas ou co-mórbidas.

O artigo "I want to feel like a full man": Conceptualizing Gay, Bisexual, and Heterosexual Men's Sexual Difficulties, escrito por K. McDonagh L(5) explora a complexa relação entre a masculinidade e as dificuldades sexuais enfrentadas por homens, destacando como a percepção do desempenho do pênis pode impactar a auto-estima masculina. A análise revela que um pênis que não funciona adequadamente é frequentemente interpretado como um sinal de fracasso na masculinidade, refletindo as expectativas culturais que cercam o que significa "ser homem".

Os autores argumentam que desde a infância, os meninos são condicionados a acreditar que sua masculinidade está intrinsecamente ligada ao seu pênis e à capacidade de ter ereções. Essa construção social pode levar a consequências prejudiciais para a saúde psicológica e física dos homens, uma vez que a incapacidade de cumprir com esses padrões pode resultar em um sentimento de inadequação. A pesquisa destaca que dificuldades sexuais, especialmente aquelas que surgem de uma incompatibilidade com o parceiro, podem desafiar a identidade masculina, resultando em níveis mais baixos de satisfação sexual.

Outro ponto relevante abordado no artigo é a maneira como os homens lidam com essas dificuldades. O uso de substâncias como álcool e drogas é mencionado como uma estratégia de enfrentamento, o que indica uma busca por soluções que, na verdade, podem agravar a situação. Além disso, a preocupação com o tamanho do pênis é discutida, revelando a persistente crença cultural de que "maior é melhor", o que pode intensificar a ansiedade em relação à performance sexual.

Vale ressaltar que a pesquisa também considera a diversidade dentro da masculinidade, especialmente entre homens gays e bissexuais. Os autores observam que nem todos os homens gays e bissexuais se envolvem em sexo anal ou associam ereções à sua masculinidade, desafiando assim a narrativa hegemônica que muitas vezes marginaliza essas experiências. Essa perspectiva amplia a compreensão das dificuldades sexuais e sugere que a construção da masculinidade não é monolítica, permitindo uma discussão mais inclusiva sobre a identidade masculina, sendo necessário materiais científicos diversos para entender a perspectiva individual de cada paciente e suas queixas pessoais na busca de alternativas para sanar sua individualidade.

Relato de caso: Paciente L.M.N.N., sexo masculino, 37 anos de idade, de etnia branca, 1,70m de altura, com 80 Kg de peso, IMC 27.

História Clínica: O paciente relata insegurança sexual por conta de tamanho e diâmetro de seu pênis e solicita procedimento de preenchimento peniano com o auxílio do ácido hialurônico com o objetivo de ganho em medidas principalmente na espessura.

Antecedentes Médicos:

Nega qualquer enfermidade metabólica, física, anatômica, cardíaca ou respiratória de base.

Nega histórico familiar de patologias e alterações físicas nos sistemas urogenitais.

O paciente nega uso de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, e práticas sexuais que coloque em risco a efetividade do procedimento.

Exame Físico:

Estado Geral: Paciente consciente, orientado, em estado geral,

Relata ansiedade e sudorese prévia ao procedimento.

Sinais Vitais:

Pressão arterial: 121/79 mmHg

Frequência cardíaca: 78 bpm, regular

Frequência respiratória: 22 rpm

Temperatura axilar: 36,4°C

Cabeça e Pescoço: Sem alterações significativas.

Aparelho Cardiovascular:

Pulsos periféricos palpáveis, regulares e simétricos.

Aparelho Respiratório:

Alterações pulmonares: sem alterações significativas prévias ao procedimento.

Abdomen: Plano e indolor.

Aparelho geniturinário: paciente circuncidado, sem alterações anatômicas, nem funcionais.

Extremidades: Sem alterações visíveis.

Imagem 1: Registros fotográficos pré-procedimento



Fonte: fotos dos próprios autores

Imagem 2: Registros fotográficos pré-procedimento



Flácido - visão lateral
9,7 cm de comprimento

Fonte: fotos dos próprios autores

Imagem 3: Registros fotográficos pré-procedimento



Fonte: fotos dos próprios autores

Imagem 4: Registros fotográficos pré-procedimento



Fonte: fotos dos próprios autores

Imagem 5: Registros fotográficos pré-procedimento



Fonte: fotos dos próprios autores

METODOLOGIA E PROTOCOLO

O paciente foi submetido ao procedimento de aumento de espessura peniana através do preenchimento com ácido hialurônico de média reticulação em consultório médico em Ciudad del Este no ano de 2024.

Previamente ao procedimento o paciente assinou o termo de consentimento e esclarecido todos os efeitos e riscos do procedimento e, em seguida assinado o termo de imagem e sanado suas dúvidas quanto ao uso destes documentos.

Foi realizada a antisepsia da região genital, inguinal e escrotal com aplicação de clorexidina 2% degermante e em seguida do tipo aquosa.

Aplicada anestesia tópica do tipo lidocaína 20% na região de base peniana, e foi aguardado 25 minutos para efeito da mesma.

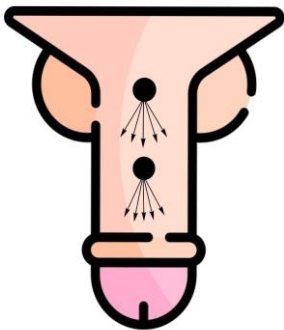
Em seguida retirada com gaze a lidocaína tópica com clorexidina degermante 2% foi aplicado a anestesia subcutânea na base peniana em uma pápula subcutânea e aguardado 4 minutos para a afetividade do anestésico.

Foi realizado o pertuito na base peniana no local da aplicação do anestésico subcutâneo, e introduzido a cânula acoplada a seringa de ácido hialurônico de média reticulação. A cânula utilizada foi de 25/70mm e a agulha para o pertuito foi de 17g.

Introduzida cânula de aplicação em seguida feita a retro aspiração e aguardado o tempo de retorno de 40 segundo para verificar se houve a perfuração de algum vaso sanguíneo.

De forma distal para proximal foi realizado a retroinjeção e iniciada a distribuição subcutânea em leque “técnica João Cordeiro” respeitando a quantidade aproximada de 0,1 ml por linha, sendo feitos 05 trajetos neste sentido na região da base do pênis e dorso.

Imagem 6- Desenho explicativo da distribuição do ácido hialurônico.



Fonte: criado pelos próprios autores.

APLICAÇÃO DA ANESTESIA SUBCUTÂNEA NA PARTE MEDIAL SUPERIOR DO PÊNIS

Feito acesso na região superior medial peniana para introdução da cânula de aplicação do ácido hialurônico e novamente distribuição em retro injeção com a técnica em leque “João Cordeiro”. Respeitando novamente a quantia de 0,1 ml por marcação, sendo feitas 05 linhas neste sentido na região dorsal superior do pênis.

Retirada a cânula de aplicação, feita assepsia e higiene do local do procedimento, seguido de aplicação de uma pomada tópica cicatrizante e com niacinamida com o objetivo profilático e cicatrizante.

Paciente relata que não sentiu nenhuma dor durante todo o procedimento, sendo realizado em 60 min.

Relatou que teve “sensação de pressão” durante determinados momentos, junto um incômodo por sentir a cânula percorrer seu trajeto.

Foi orientado ao paciente quanto à limpeza e higiene do local e a necessidade de resguardo sexual de 14 dias devido ao risco de infecção e/ou contaminação dos locais de aplicação devido às portas de entrada criadas pelos pertuitos.

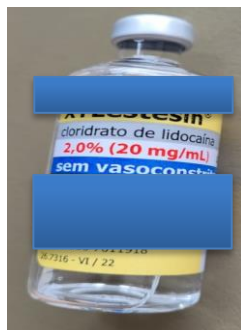
Orientado ainda para contato imediato se houver qualquer intercorrência, desconforto ou tenesmo.

Imagem 7: Ácido hialurônico de média reticulação.



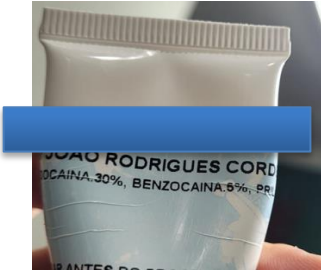
Fonte: Foto tirada durante o procedimento.

Imagem 8: Anestesia subcutânea Cloridrato de lidocaína 2,0% (20 mg/ml)



Fonte: retirada a foto prévia ao procedimento.

Imagem 9: Anestesia Tópica
Lidocaína 30%, benzocaina
5%, prilocaína 2%



Fonte: foto retirada pelos próprios autores

Imagem 10: Marcação e anestesia local.

Aplicação de
anestesia tópica



Aplicação de
anestesia
subcutânea



Fonte: imagens realizadas durante o procedimento

Imagem 11: Acesso com o pertuito e introdução da cânula:

Aplicação de
anestesia
subcutânea no terço
medial peniano



Acesso para cânula
de aplicação



Cânula de aplicação
introduzida pela
base peniana para
seu trajeto



EVOLUÇÃO

Dia 0 – Pós imediato à 1ª sessão: Com a aplicação de 2ml de ácido hialurônico.

Nota-se um aumento de espessura de 0,9 cm em estado flácido. Não foi possível aferir a medição da espessura em estado ereto logo após a aplicação do procedimento.

Imagem 12: pós procedimento e retirada de perímetro

**flácido - visão superior -
espessura imediata - terço
médio - 10,9cm**



Fonte: fotos dos próprios autores

Dia 01 - 24 horas após: O paciente relatou leve incômodo na região de aplicação, não relata outros achados de sensibilidade ou dor, não relata disúria nem tenesmo. Paciente informa que ereções inesperadas acontecem, mas sem alterações como as ereções ao acordar.

O paciente foi orientado a iniciar manobras para modelamento do ácido aplicado com auxílio de géis lubrificantes e movimentos leves e suaves no sentido circular para uma remodelação anatômica.

Imagem 13: Vista dorsal do ácido hialurônico acumulado na porção dorsal.

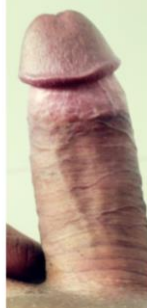
**ereto
visão superior**



Fonte: fotos dos próprios autores

Imagem 14: Registros fotográficos comparativos

**Visão lateral - Ereto
Antes do procedimento**



**Visão superior - Ereto
24 horas após término
do procedimento**



Fonte: fotos dos próprios autores

Dia 07 – 2ª Sessão de aplicação

Feito realizado novamente todo procedimento pré-procedimento de biossegurança. Nota-se o dobro de facilidade na condução da cânula de aplicação nesta sessão, devido ao efeito de dilatação do espaço subcutâneo causado pelo ácido hialurônico inserido na primeira sessão.

Paciente informa não sentir nenhuma dor ou incômodo.

Realizado todo procedimento pós procedimento de profilaxia.

Nota-se um preenchimento mais homogêneo em todo o pênis nesta fase.

Imediatamente após o preenchimento, nota-se uma espessura de 11,1 cm em terço médio, tendo como ganho 0,2 cm em comparação à 1ª aplicação e 1 cm em comparação à espessura pré preenchimento

Imagem 15: Registros fotográficos durante o procedimento



Fonte: fotos dos próprios autores

Dia 09 – 48 horas após 2ª aplicação

Paciente relata não apresentar nenhum desconforto, dor, tenesmo ou disúria com o órgão flácido ou ereto sendo aplicado no total 4 mls de ácido hialurônico em todo o pênis.

O mesmo informou grande satisfação, sobretudo visual e estética.

Imagem 16: Registros fotográficos pós-procedimento



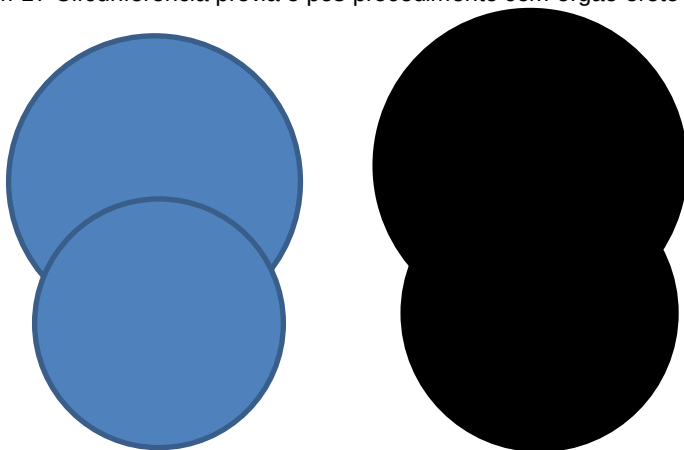
Fonte: fotos dos próprios autores

Observa-se que imediatamente após o término do o ganho em diâmetro (espessura) se mostra em 0,9 cm quando o pênis está ereto.

Na cor azul, medida anterior ao procedimento, diâmetro medindo 12,1 com o pênis ereto.

Na cor preta, medida posterior de diâmetro medindo 12,9 cm com pênis ereto

Imagem 17 Circunferência prévia e pós procedimento com órgão ereto e flácido.



Fonte: criado pelos próprios autores

Imagem 18 Circunferência prévia e pós procedimento com órgão flácido.

**Visão superior - Ereto
24 horas após término
do procedimento**



**Visão frente - flácido
24 horas após término
do procedimento**



**Visão lateral - flácido
24 horas após término
do procedimento**



Fonte: criado pelos próprios autores

Imagem 19 Circunferência prévia e pós procedimento



Fonte: criado pelos próprios autores

“Ao realizar o retorno para avaliar a satisfação e perspectiva do paciente o mesmo deixou claro que ficou contente e satisfeito com o procedimento informando que se sentiu ansioso ao iniciar o protocolo, mas que com a segurança e o fato de não sentir dor ou desconforto durante as sessões possui a vontade de realizar novas sessões futuramente e que está realizado com os objetivos alcançados.”

A pesquisa de Christopher Robinson T (1) destaca a dualidade da percepção do pênis como um símbolo de virilidade e masculinidade, apontando que muitas inseguranças surgem da comparação social e da idealização de tamanhos na pornografia. Isso é corroborado por Schuster E(2), que mostra como a exposição a materiais sexualmente explícitos pode distorcer a autoimagem dos homens, levando a uma insatisfação que pode culminar em buscas por cirurgias estéticas.

Além disso, Lee J(3) amplia a discussão ao considerar as pressões socioculturais que afetam a auto-estima masculina, evidenciando que a comparação social não é exclusiva das mulheres e que os homens também enfrentam padrões de beleza que influenciam suas percepções corporais. A pesquisa de K. Chambers S(4) sobre a disfunção erétil após o tratamento do câncer de próstata revela que muitos homens veem essa condição como uma perda de masculinidade, resultando em ansiedade e crises de identidade.

Por fim, K. McDonagh L(5) traz uma perspectiva importante sobre a diversidade da masculinidade, sugerindo que as dificuldades sexuais não são universais e podem ser interpretadas de maneiras diferentes entre os homens em relação a sua própria concepção quanto a sua satisfação e segurança sexual.

CONCLUSÃO

O estudo de caso sobre a autoestima masculina em relação ao pênis revela um tema multifacetado, profundamente influenciado por fatores sociais, culturais e pessoais. Estudos revisados indicam que a percepção do tamanho do pênis e a saúde sexual estão intimamente ligadas à sua própria identidade e segurança masculina, afetando a autoestima e o comportamento dos homens.

Em conclusão, a autoestima masculina em relação ao pênis é um reflexo de uma combinação complexa de expectativas pessoais, sociais e culturais, comparações próprias e experiências de saúde.

As inseguranças em relação ao tamanho do pênis e ao desempenho sexual podem ter impactos significativos na autoimagem e na saúde mental dos homens, ressaltando a importância de abordagens e alternativas não cirúrgicas que visam sanar os aspectos de tamanho e principalmente espessura e que promovam uma visão saudável da própria individualidade, masculinidade e sexualidade.

REFERÊNCIAS

1. Christopher Robinson T. The Sticking Out Parts: A Content Analysis of Print and Website Advertisements on Breast and Penis Augmentation. 2008.

2. Schuster E. The Effects of Viewing Sexually Explicit Materials on Menu27s Body Image Satisfaction, Interest in Pursuing Cosmetic Surgery, and Body Change Behaviors. 2014.
3. Lee J. Self-esteem and Reflected Appraisals of Women's Hair in College Women. 2017.
4. K. Chambers S, Chung E, Wittert G, K. Hyde M. Erectile dysfunction, masculinity, and psychosocial outcomes: a review of the experiences of men after prostate cancer treatment. 2017. ncbi.nlm.nih.gov
5. K. McDonagh L, Nielsen EJ, T. McDermott D, Davies N et al. "I want to feel like a full man": Conceptualizing Gay, Bisexual, and Heterosexual Men's Sexual Difficulties. 2018.

CAPÍTULO 5

SENTIDO NA FINITUDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA SOBRE A TERMINALIDADE À LUZ DA LOGOTERAPIA

João Luís dos Santos Heric

Discente do curso de Pós-Graduação em Logoterapia e Análise Existencial, da
Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP)

Cristina Maria di Primio Gonçalves

Mestre em Administração e Organização pela FEA/USP, Professora Orientadora do
curso de Pós-Graduação em Logoterapia e Análise existencial, Faculdade
Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP).

RESUMO

O presente trabalho teve como tema central a Logoterapia aplicada ao contexto da terminalidade, buscando compreender de que forma essa abordagem psicológica contribui para a manutenção do sentido da vida quando a cura já não é possível. O problema que norteou a pesquisa foi a seguinte questão: em que medida a Logoterapia pode auxiliar pacientes em fim de vida a encontrar significado em suas experiências e, assim, reduzir o sofrimento existencial? Como objetivo geral, propôs-se investigar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, os fundamentos conceituais e as práticas logoterapêuticas direcionadas à terminalidade, bem como seus impactos terapêuticos. Foram definidos como objetivos específicos: revisar os pressupostos teóricos da Logoterapia; analisar estudos que aplicaram a abordagem em pacientes terminais; identificar os principais benefícios relatados; e discutir as limitações e desafios que se apresentam na literatura. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida como revisão narrativa, baseada em artigos, dissertações, teses e livros coletados em bases científicas nacionais e internacionais, como SciELO, PubMed, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados a “Logoterapia”, “cuidados paliativos” e “terminalidade”. Foram adotados critérios de inclusão e exclusão que possibilitaram selecionar publicações entre os anos 2000 e 2025, privilegiando estudos que discutiram intervenções logoterapêuticas em contextos de fim de vida. Os resultados evidenciaram que a Logoterapia oferece contribuições relevantes, favorecendo a redução de sintomas como ansiedade, depressão e desesperança, ao mesmo tempo em que promove a autotranscendência, o fortalecimento de vínculos afetivos e a percepção de dignidade no processo de morrer. Observou-se, ainda, que a abordagem se mostrou aplicável em diferentes contextos clínicos, incluindo oncologia, doenças neurodegenerativas e cuidados paliativos domiciliares e hospitalares. Contudo, verificaram-se limitações relacionadas à escassez de estudos nacionais com metodologias robustas e à necessidade de maior capacitação profissional. Conclui-se que a Logoterapia constitui uma

ferramenta significativa para a humanização da terminalidade, reforçando a importância da busca de sentido como horizonte possível mesmo na finitude.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Logoterapia; Terminalidade.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por avanços significativos na medicina, nas ciências da saúde e na tecnologia, permitindo diagnósticos cada vez mais precoces e tratamentos mais eficazes para diversas enfermidades. No entanto, mesmo com tais progressos, existem situações nas quais a cura não é mais possível. Nessas circunstâncias, como nos casos de doenças terminais, a atuação dos profissionais da saúde desloca-se da busca pela reversão da doença para o cuidado integral, com foco na qualidade de vida e no alívio do sofrimento. É nesse contexto que a Logoterapia, abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl, apresenta uma contribuição singular, ao sustentar que a vida conserva sentido mesmo diante da dor, das perdas e da proximidade da morte. Fundamentada no princípio da “vontade de sentido”, a Logoterapia compreende que a motivação fundamental do ser humano é a busca por significado, independentemente das circunstâncias externas, e que, mesmo quando o sofrimento é inevitável, o indivíduo mantém a liberdade de escolher sua atitude diante dele.

A terminalidade, entendida como a fase final da vida na qual não há mais possibilidade de cura, torna-se, portanto, um campo fértil para a aplicação dos pressupostos logoterapêuticos. Nessa etapa, em que o corpo se fragiliza e a autonomia física se reduz, o sentido de existir pode ser encontrado na dimensão simbólica, espiritual e relacional, aspectos muitas vezes negligenciados pelos modelos estritamente biomédicos. Estudos apontam que intervenções baseadas na Logoterapia podem contribuir para a redução de sintomas como ansiedade, depressão e sofrimento existencial, além de favorecer o fortalecimento da percepção de sentido e a melhoria da qualidade de vida de pacientes em cuidados paliativos. Ao enfatizar que a existência humana é portadora de significado até seu último instante, a abordagem de Frankl oferece não apenas uma ferramenta terapêutica, mas também uma perspectiva ética e humanizada de cuidado.

Diante disso, surge a questão central que orienta esta pesquisa: quando não há mais possibilidade de cura, ainda há sentido na vida? E, mais especificamente, como a Logoterapia responde a essa pergunta no contexto da terminalidade? Embora haja estudos que discutam os benefícios dessa abordagem, permanecem lacunas quanto à compreensão mais aprofundada dos mecanismos pelos quais o sentido é construído e sustentado nessas circunstâncias, bem como sobre a integração entre a teoria de Frankl e as práticas contemporâneas de cuidados paliativos. Investigar essas questões revela-se relevante não apenas para o avanço do conhecimento científico,

mas também para o aprimoramento das práticas clínicas voltadas a pacientes em fase final de vida.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral investigar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, como a Logoterapia compreende e sustenta a possibilidade de encontrar sentido na vida diante da terminalidade, quando a cura não é mais possível. Para tanto, propõe-se revisar os fundamentos teóricos da abordagem, analisar as evidências empíricas sobre sua aplicação em contextos de cuidados paliativos, identificar lacunas e desafios presentes na literatura e apontar direções para futuras pesquisas, bem como implicações práticas para psicólogos e equipes multiprofissionais. Ao reunir e discutir diferentes perspectivas e resultados de estudos, esta investigação pretende contribuir para o aprofundamento do diálogo entre a Logoterapia e a temática da finitude, reafirmando que, mesmo quando a cura deixa de ser uma opção, o sentido permanece como um horizonte possível e essencial.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa caracterizou-se como uma revisão narrativa de literatura, desenvolvida com o objetivo de identificar, analisar e sintetizar publicações relevantes sobre a aplicação da Logoterapia no contexto da terminalidade. A busca dos materiais foi realizada entre março e maio de 2025, contemplando fontes nacionais e internacionais. Para a localização dos textos, utilizaram-se as seguintes bases de dados e repositórios científicos: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), PubMed/MEDLINE, Google Acadêmico, ResearchGate e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Complementariamente, foram consultados livros especializados em Logoterapia, cuidados paliativos e psicologia existencial disponíveis em bibliotecas físicas e digitais.

O processo de busca foi orientado por descritores controlados e não controlados, elaborados a partir do vocabulário DeCS/MeSH e combinados com operadores booleanos. Os principais termos empregados foram: *“Logoterapia”*, *“terminalidade”*, *“cuidados paliativos”*, *“sentido da vida”*, *“finitude”* e *“Viktor Frankl”*, assim como suas correspondentes em inglês: *“Logotherapy”*, *“terminality”*, *“palliative care”*, *“meaning of life”*, *“end of life”* e *“Viktor Frankl”*. As combinações de palavras-chave foram estruturadas com os operadores *“AND”* e *“OR”*, de modo a ampliar ou refinar os resultados conforme necessário.

Foram definidos critérios de inclusão para selecionar textos que: a) estivessem disponíveis na íntegra; b) fossem publicados entre os anos de 2000 e 2025; c) apresentassem relação direta com a temática da Logoterapia aplicada a pacientes em fase de terminalidade ou cuidados paliativos; d) estivessem redigidos em português, inglês ou espanhol; e) tivessem sido publicados em periódicos revisados por pares ou em livros de reconhecida relevância acadêmica. Foram adotados como critérios de exclusão: a)

publicações duplicadas entre bases de dados; b) textos com abordagem meramente opinativa, sem fundamentação teórica ou empírica; c) estudos que abordassem a Logoterapia em contextos não relacionados à terminalidade; e d) trabalhos cuja metodologia não estivesse claramente descrita.

Após a aplicação dos critérios, procedeu-se à leitura exploratória dos textos pré-selecionados, seguida da leitura analítica, com o intuito de extrair informações essenciais ao estudo. A análise dos dados foi fundamentada na identificação de convergências e divergências presentes na literatura, de modo a construir uma síntese interpretativa do tema. Para isso, estabeleceram-se três categorias analíticas: (1) Fundamentos conceituais da Logoterapia – englobando princípios filosóficos, psicológicos e clínicos da abordagem frankliana; (2) Aplicações da Logoterapia na terminalidade – contemplando relatos de intervenções, protocolos e estudos de caso; e (3) impactos e desafios da Logoterapia nos cuidados paliativos – incluindo resultados obtidos, limitações encontradas e perspectivas futuras.

A organização e sistematização dos dados foram realizadas manualmente, complementadas pelo uso de planilhas eletrônicas para registro de informações relevantes, como autor, ano de publicação, país, tipo de estudo, objetivos, principais resultados e conclusões. As referências bibliográficas foram gerenciadas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023:2018). Dessa forma, garantiu-se que o processo metodológico adotado pudesse ser replicado ou adaptado por outros pesquisadores interessados na interface entre Logoterapia e terminalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Fundamentos Conceituais da Logoterapia e a “Vontade de Sentido”

A compreensão dos fundamentos conceituais da Logoterapia foi essencial para situar a “vontade de sentido” no contexto da terminalidade. Trata-se do princípio central desenvolvido por Viktor Frankl, segundo o qual a motivação primária do ser humano é a busca de sentido, mesmo diante de circunstâncias extremas. Pereira (2007) analisou essa noção, destacando que:

A vontade de sentido constitui-se como a motivação fundamental do ser humano, condição *sine qua non* para que a vida seja vivida de modo pleno, especialmente em situações-limite que desafiam a expectativa de continuidade (PEREIRA, 2007, p. 130).

Essa perspectiva sustenta que o indivíduo, ao enfrentar o sofrimento inevitável, preserva a liberdade de escolher sua atitude, podendo encontrar significado até mesmo na dor. Conforme aponta Rodrigues (2009), a afirmação de Frankl de que “quem tiver um porquê viver suporta quase sempre o como viver” reforça a dimensão existencial como determinante na resiliência diante da adversidade.

A abordagem logoterapêutica considera o ser humano em sua totalidade, integrando dimensões física, psíquica e espiritual. Santos (2016) explica que a dimensão noética – ou espiritual – é o espaço no qual emergem a liberdade, a responsabilidade e a tomada de posição consciente, diferenciando-se das respostas automáticas determinadas apenas por impulsos ou condicionamentos. Essa concepção amplia a compreensão clínica, pois reconhece que, mesmo na terminalidade, subsiste a possibilidade de autodeterminação interior.

Outro aspecto basilar é a autotranscendência, definida por Frankl como a capacidade de o indivíduo dirigir-se para além de si, seja em direção a uma tarefa, a outra pessoa ou a um valor. Santos (2016) observa que essa característica possibilita a superação dos interesses biológicos, promovendo a realização de significados singulares, o que se mostra particularmente relevante quando a vida biológica se aproxima do fim.

A liberdade espiritual, por sua vez, foi amplamente discutida por Cruz (2023), que evidenciou como, mesmo em contextos de doença terminal, o paciente pode preservar sua capacidade de escolha quanto à forma de enfrentar sua condição. Essa liberdade não nega a realidade da dor, mas afirma a possibilidade de atribuir-lhe um significado.

A relação entre espiritualidade e sentido da vida nos cuidados paliativos é explorada por Sales e Oliveira (2024), que apontam a Logoterapia como recurso terapêutico capaz de ressignificar o sofrimento. Para os autores, a abordagem frankliana favorece um cuidado mais humanizado, valorizando as experiências subjetivas e espirituais do paciente no processo de morrer.

Nessa mesma direção, Arrieira et al. (2018) investigaram a vivência de equipes interdisciplinares em cuidados paliativos e constataram que:

Atividades relacionadas à espiritualidade, como a oração e o cuidado integral, foram recursos terapêuticos relevantes para oferecer conforto, vivência com dignidade e humanização da morte, além de ajudar a equipe e os pacientes a compreender o processo do final da vida e a busca por significado no sofrimento provocado pela doença (ARRIEIRA et al., 2018, p. 4).

Esses achados reforçam que a dimensão espiritual, articulada aos princípios da Logoterapia, sustenta a manutenção do sentido mesmo diante da finitude. Assim, os fundamentos conceituais – vontade de sentido, autotranscendência, liberdade interior e dimensão noética – configuram-se não apenas como alicerce teórico desta pesquisa, mas como elementos que, aplicados à prática clínica, oferecem ao paciente terminal a possibilidade de reafirmar sua dignidade e humanidade até o último instante.

4.2 Aplicações Clínicas da Logoterapia na Terminalidade

A percepção dos estudos sobre a aplicação clínica da Logoterapia na terminalidade evidenciou diversas formas de intervenção que visaram ressignificar a experiência do paciente moribundo, além de promover o bem-estar emocional e existencial. Uma das contribuições mais elucidativas foi apresentada por Sales e Oliveira (2024), que discutiram que:

A logoterapia se mostrou como importante ferramenta no processo de cuidados paliativos, ao considerar que as problemáticas psicossociais do paciente oncológico terminal estão diretamente relacionadas à sua autoestima, falta de sentido e vazio existencial decorrente do sofrimento psíquico (SALES; OLIVEIRA, 2024, p. 90).

Além disso, os autores destacaram que a prática logoterapêutica, especialmente em grupo, envolveu o autodistanciamento do paciente em relação ao próprio sofrimento, por meio de técnicas como a derreflexão, possibilitando a redescoberta de um sentido existencial profundo (SALES; OLIVEIRA, 2024).

Outro contexto de aplicação clínica foi identificado por Ângelo Antônio Guedes de Carvalho (2023), que apresentou a Logoterapia como alternativa no trabalho com pacientes terminais, enfatizando os valores de atitude como forma terapêutica eficaz. O autor argumentou que tais valores permitem ao psicólogo promover a atribuição de sentido à vida e ao sofrimento terminal do paciente, ampliando o cuidado para além da perspectiva biomédica, incorporando um olhar transcendental (CARVALHO, 2023).

Paralelamente, o estudo de Bárbara Helena Silva de Oliveira e Monalisa Maria Lauro (2025) examinou como as intervenções logoterapêuticas contribuem para o bem-estar de pacientes em terminalidade. Conforme os resultados, a Logoterapia auxiliou pacientes a enfrentarem o medo de sobrecarregar a família, a perda de vínculos significativos e a revivência de aspectos fundamentais da própria trajetória de vida, elevando sua capacidade de enxergar um sentido mesmo diante da morte iminente (OLIVEIRA; LAURO, 2025).

Outro exemplo relevante foi o trabalho de Alencar Rodrigues (2011), que explorou o enfrentamento por parte da família de pacientes terminais. Foi revelado que a aplicação de uma abordagem logoterapêutica proporcionou alívio emocional aos familiares e fortaleceu a saúde mental ao facilitar ritos de despedida e tornar-se um espaço de acolhimento mútuo, ajudando-os a atribuir um novo significado ao processo de perda (RODRIGUES, 2011).

Ainda, as práticas compartilhadas por Arrieira et al. (2018) mostraram que atividades voltadas à dimensão espiritual — como a oração e o cuidado integral — foram entendidas como recursos terapêuticos capazes de oferecer conforto, dignidade e humanização ao morrer. Essas práticas participaram da estruturação de uma atenção clínica mais sensível ao sofrimento espiritual de pacientes terminais (ARRIEIRA et al., 2018, p. 4).

A síntese dessas evidências sublinhou a presença de ao menos três formas distintas de aplicação clínica da Logoterapia na terminalidade: (1) intervenções grupais, que favorecem o autodistanciamento e o sentido de pertencimento; (2) valores de atitude como estratégia individual de ressignificação; e (3) intenção espiritual e simbólica como recurso de conforto e dignidade no processo de morrer. Cada uma dessas formas convergiu para a promoção do sentido como elemento central da experiência do paciente terminal.

Em consequência, reconheceu-se que a Logoterapia oferece uma abordagem terapêutica singular, que oferece recursos expressivos para o enfrentamento do fim da vida. As modalidades clínicas descritas revelaram-se compatíveis com práticas de cuidados paliativos, enriquecendo o cuidado com dimensão subjetiva e existencial do paciente.

4.3 Impactos Terapêuticos e Benefícios Observados

Os impactos terapêuticos da Logoterapia na terminalidade têm sido evidenciados em estudos que analisam variáveis como a redução da ansiedade e depressão, o alívio do sofrimento existencial e o fortalecimento da percepção de sentido e qualidade de vida. De acordo com Oliveira e Cury (2022), intervenções logoterapêuticas aplicadas a pacientes oncológicos terminais demonstraram significativa diminuição de sintomas depressivos e melhora na aceitação do processo de morrer, indicando que a abordagem possibilitou uma reorganização psíquica orientada para o sentido.

Pesquisas conduzidas por Sales e Oliveira (2024) revelaram que o engajamento em atividades terapêuticas baseadas na Logoterapia contribuiu para a redução da desesperança, ampliando a percepção de autonomia e protagonismo mesmo em condições de fragilidade extrema. Os autores observaram que:

Ao ressignificar a experiência do sofrimento, os pacientes passaram a reconhecer aspectos positivos e significativos em sua trajetória, o que favoreceu não apenas o bem-estar emocional, mas também o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais durante o processo de terminalidade (SALES; OLIVEIRA, 2024, p. 94).

Esses achados dialogam com a investigação de Arrieira et al. (2018), realizada com equipes de cuidados paliativos, na qual a incorporação da dimensão espiritual e existencial ao cuidado promoveu aumento da satisfação dos pacientes com a assistência recebida, além de auxiliar no controle de sintomas relacionados à ansiedade e ao medo da morte.

Em contexto internacional, Breitbart et al. (2010), em um ensaio clínico com pacientes com câncer avançado, constataram que intervenções de psicoterapia de sentido reduziram a intensidade de sofrimento existencial e melhoraram significativamente os índices de bem-estar. Essa evidência

reforça a aplicabilidade clínica da Logoterapia em condições graves e progressivas.

No cenário brasileiro, Carvalho (2023) analisou o uso da Logoterapia em pacientes com doenças neurodegenerativas, apontando que a abordagem contribuiu para o aumento da resiliência e da percepção de dignidade, mesmo diante da perda gradual de funções cognitivas e motoras. O autor enfatizou que a intervenção auxiliou o paciente a encontrar sentido em pequenas metas diárias, fortalecendo sua autoestima e identidade pessoal.

Estudos qualitativos, como o de Oliveira e Lauro (2025), também indicaram benefícios significativos, incluindo o fortalecimento de narrativas de vida positivas e a redução do isolamento social. Segundo as autoras, o compartilhamento de histórias e a identificação de valores pessoais foram estratégias eficazes para mitigar o sofrimento e ampliar a esperança, ainda que sem expectativa de cura.

Apesar dos benefícios amplamente relatados, a literatura também evidencia limitações. Algumas pesquisas indicam que o impacto da Logoterapia pode ser reduzido em pacientes com resistência a reflexões existenciais ou com forte recusa à abordagem espiritual. Além disso, Carvalho (2023) observa que a falta de formação específica de profissionais em Logoterapia dificulta sua implementação de forma sistemática nos serviços de cuidados paliativos.

Ainda assim, a síntese dos estudos revisados confirma que a Logoterapia apresenta resultados consistentes no fortalecimento do sentido de vida, na redução de sofrimento psíquico e na promoção da qualidade de vida de pacientes em terminalidade, independentemente do diagnóstico clínico. A combinação de técnicas logoterapêuticas com uma postura empática e interdisciplinar mostra-se como um dos caminhos mais promissores para a humanização do cuidado no fim da vida.

4.4 Desafios, Limitações e Perspectivas Futuras

Apesar dos avanços identificados na literatura, a implementação da Logoterapia no contexto da terminalidade ainda enfrenta desafios significativos. Entre os principais, destacam-se a escassez de profissionais capacitados, a resistência institucional à inclusão de abordagens existenciais nos protocolos de cuidados paliativos e a carência de estudos longitudinais que avaliem a eficácia dessa abordagem em diferentes perfis de pacientes. Carvalho (2023) aponta que a ausência de formação específica dificulta a aplicação consistente da Logoterapia, limitando seu potencial terapêutico e reduzindo a padronização das intervenções.

Outro obstáculo recorrente se refere à percepção equivocada de que a Logoterapia possui caráter exclusivamente religioso, o que pode gerar resistência por parte de equipes multiprofissionais ou de pacientes com posicionamentos seculares. Como observa Pessini (2010), é necessário esclarecer que a dimensão espiritual trabalhada pela Logoterapia está

vinculada ao sentido existencial e não se confunde com doutrina religiosa, o que amplia sua aplicabilidade em contextos culturalmente diversos.

Além disso, a literatura registra limitações metodológicas nos estudos analisados. Muitos trabalhos se concentram em amostras reduzidas e em contextos específicos, como oncologia ou cuidados paliativos hospitalares, dificultando a generalização dos resultados para outros cenários, como doenças neurodegenerativas ou cuidados domiciliares. Nesse sentido, Arrieira et al. (2018) ressaltam que:

A carência de pesquisas com amostras mais amplas e diversidade de diagnósticos compromete a consolidação de evidências robustas sobre a aplicabilidade da abordagem logoterapêutica em diferentes fases e contextos da terminalidade, demandando investigações que contemplem maior pluralidade cultural e clínica (ARRIEIRA et al., 2018, p. 6).

No que diz respeito às perspectivas futuras, a ampliação de programas de capacitação para profissionais de saúde aparece como uma prioridade. Sales e Oliveira (2024) defendem que a inserção de conteúdos sobre Logoterapia nos currículos acadêmicos e em cursos de atualização pode potencializar a integração dessa abordagem aos cuidados paliativos, promovendo um cuidado mais integral e humanizado.

Outra frente de desenvolvimento refere-se à necessidade de protocolos clínicos mais estruturados, que orientem a aplicação da Logoterapia de forma sistemática e mensurável. Breitbart et al. (2010) sugerem que adaptações culturais e linguísticas das intervenções de sentido são fundamentais para maximizar a eficácia e a aceitação por diferentes grupos populacionais.

Também se vislumbra a possibilidade de integrar a Logoterapia a outras abordagens psicológicas e terapêuticas, como Terapia Cognitivo-Comportamental e Terapia de Aceitação e Compromisso, para ampliar seu alcance e adaptabilidade. Oliveira e Cury (2022) salientam que tal integração pode enriquecer a prática clínica, proporcionando ao paciente múltiplos recursos para lidar com a terminalidade.

Por fim, é importante destacar que a consolidação da Logoterapia como parte integrante dos cuidados paliativos depende não apenas de avanços científicos, mas também de mudanças culturais no entendimento sobre a morte e o morrer. Como afirma Pessini (2010), a morte precisa ser ressignificada socialmente para que o cuidado de fim de vida seja visto como parte essencial da dignidade humana e não apenas como etapa final do tratamento médico. Em síntese, embora a Logoterapia tenha demonstrado impactos positivos significativos no cuidado a pacientes em terminalidade, sua plena incorporação nas práticas clínicas exige superação de barreiras

estruturais, epistemológicas e culturais. O fortalecimento da formação profissional, a expansão da pesquisa aplicada e a mudança de paradigmas sociais constituem caminhos indispensáveis para que a abordagem frankliana possa expressar todo o seu potencial no contexto da finitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, como a Logoterapia compreende e sustenta a possibilidade de encontrar sentido na vida diante da terminalidade, quando a cura não é mais possível. Partiu-se do pressuposto de que o sentido pode ser construído mesmo em condições extremas, e que os fundamentos franklianos — vontade de sentido, autotranscendência e liberdade de atitude — oferecem recursos existenciais relevantes para pacientes nessa fase. A análise dos estudos revisados confirmou que a abordagem é aplicável e eficaz em diferentes contextos de cuidados paliativos, contribuindo para um cuidado mais humanizado e integral.

A síntese dos resultados evidenciou que a Logoterapia atua como ferramenta de ressignificação da experiência de finitude, favorecendo o fortalecimento da percepção de sentido, a redução do sofrimento existencial e a melhoria da qualidade de vida. A abordagem se mostrou versátil, podendo ser utilizada em intervenções individuais ou grupais, e compatível com diferentes perfis clínicos, como pacientes oncológicos, pessoas com doenças neurodegenerativas e em atendimentos domiciliares ou hospitalares. Essa versatilidade reforça seu potencial como prática complementar no campo da saúde, especialmente em contextos de fragilidade extrema.

Ainda que os resultados tenham sido consistentes, a pesquisa identificou limitações importantes. A escassez de estudos nacionais com amostras representativas e metodologias padronizadas dificulta a generalização das conclusões e a consolidação de evidências robustas. Além disso, a falta de capacitação específica de profissionais da saúde para a aplicação da Logoterapia em cuidados paliativos limita seu uso sistemático. Essas lacunas apontam para a necessidade de investimento em formação, produção científica e estruturação de protocolos clínicos que favoreçam sua incorporação efetiva nos serviços.

Considerando tais aspectos, recomenda-se que futuras investigações ampliem a diversidade de cenários clínicos e culturais analisados, explorem a integração da Logoterapia com outras abordagens terapêuticas e avaliem seu impacto a longo prazo no bem-estar de pacientes e familiares. Essas iniciativas poderão fortalecer a base científica e prática dessa abordagem, consolidando seu papel como recurso valioso na promoção da dignidade, da autonomia e do sentido de vida no processo de morrer.

REFERÊNCIAS

ALENCAR RODRIGUES, R. O enfrentamento da terminalidade da vida na perspectiva da logoterapia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 45-58, 2011.

ARRIEIRA, I. C. de O. et al. Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 52, p. e03312, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017022303312>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BREITBART, W. et al. Meaning-centered group psychotherapy: An effective intervention for improving psychological well-being in patients with advanced cancer. **Journal of Clinical Oncology**, New York, v. 28, n. 28, p. 4656-4661, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1200/JCO.2009.27.9984>. Acesso em: 15 ago. 2025.

CARVALHO, Â. A. G. Logoterapia e valores de atitude no cuidado de pacientes em terminalidade. **Revista Logos & Existência**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 85-97, 2023.

CRUZ, A. R. A liberdade espiritual na logoterapia: fundamentos e implicações clínicas. **Revista Brasileira de Psicologia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 120-134, 2023.

MOREIRA, V.; HOLANDA, A. Espiritualidade e sentido da vida: estudo fenomenológico com pacientes oncológicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200007>. Acesso em: 15 ago. 2025.

OLIVEIRA, B. H. S.; LAURO, M. M. A logoterapia no processo de morrer: contribuições para os cuidados paliativos. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 50-63, 2025.

OLIVEIRA, P. S.; CURY, V. E. Logoterapia aplicada a pacientes oncológicos terminais: um estudo de caso. **Revista Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 45-55, 2022.

PEREIRA, F. **Logoterapia: a busca de sentido para a vida**. São Paulo: Paulus, 2007.

PESSINI, L. **Humanização da dor e do sofrimento humanos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

RODRIGUES, A. Logoterapia e terminalidade: ressignificando a vida. **Revista Logos**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 12-25, 2009.

SALES, E. C. C.; OLIVEIRA, L. A. A logoterapia e a espiritualidade nos cuidados paliativos: uma abordagem humanizada. **Revista Eletrônica**

Acervo Saúde, Brasília, v. 16, n. 6, p. e12245, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e12245.2024>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, M. L. **Logoterapia: fundamentos e prática clínica**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Publicação em capítulo de livro

A coletânea de artigos em livro digital visa democratizar o acesso dos pesquisadores brasileiros à publicação de suas pesquisas, teorias e métodos. A Editora Epitaya recebe os textos e após a revisão por pares, o material é publicado.

Todos os livros possuem registro de ISBN e os capítulos são registrados no DOI (Digital Object Identifier System).

Verifique os textos aceitos para publicação como capítulo de livro

- Trabalho apresentado em congresso internacional, nacional, regionais e/ou encontros de pesquisa;
- Trabalho de Conclusão de Curso / Monografia;
- Dissertação de Mestrado;
- Tese de Doutorado;
- Relatório de Pesquisa;
- Relatório de Pesquisa Pós-Doc;
- Artigo de Pesquisa original;
- Artigo de Revisão;
- Artigo de Opinião;
- Artigo de Relato de Experiência;
- Demais formatos, verificar com a assessoria editorial.

Para maiores informações, entre em contato!

contato@epitaya.com.br 

www.epitaya.com.br 

[@epitaya](https://www.instagram.com/epitaya) 

<https://www.facebook.com/epitaya> 

(21) 98141-1708 

CAMINHOS INTERDISCIPLINARES: ESTUDOS E REFLEXÕES

Helena Portes Sava de Farias


Editora

